

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - CCS
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM - MESTRADO

**PASSADO E PRESENTE: A ENFERMAGEM DO HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO “ONOFRE LOPES”**

Djailson José Delgado Carlos

NATAL / RN
2005

DJAILSON JOSÉ DELGADO CARLOS

**PASSADO E PRESENTE: A ENFERMAGEM DO HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO “ONOFRE LOPES”**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raimunda Medeiros Germano.

NATAL / RN
2005

Serviços Técnicos

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Setorial do CCS

Carlos, Djailson José Delgado.

Passado e presente: a enfermagem do Hospital Universitário "Onofre Lopes" /
Djailson José Delgado Carlos. – Natal, RN, 2005.

116 f. : il.

Orientadora : Raimunda Medeiros Germano.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Departamento de Enfermagem.

1. História da Enfermagem – Hospital Universitário "Onofre Lopes" – Dissertação. 2. Educação na Enfermagem – Dissertação. I. Germano, Raimunda Medeiros. II. Título.

RN/UF/BS-CCS

CDU 616-083(043.3)

DJAILSON JOSÉ DELGADO CARLOS

**PASSADO E PRESENTE: A ENFERMAGEM DO HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ONOFRE LOPES**

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pela Comissão formada pelos seguintes professores:

.....
Profª Drª Raimunda Medeiros Germano – Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

.....
Profª Drª Tainamá Vieira da Silva Barreto – Titular
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN

.....
Profª Drª Rosalba Pessoa de Souza Timóteo – Titular
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

.....
Profª Drª Soraya Maria de Medeiros – Suplente
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Natal / RN, 29 de setembro de 2005.

O ofício do historiador é
lembrar o que os outros
esqueceram.

Erick Hobsbawm

À Professora Raimunda,
exemplo de profissionalismo e
dedicação à vida acadêmica, por seu
incentivo, orientações competentes,
compreensão e amizade.

Meus sinceros agradecimentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença e generosidade com que conduz minha vida.

Aos meus pais, minha referência de vida, meus primeiros e mais sólidos educadores.

A meus familiares, pela crença, amizade e estímulo a prosseguir buscando.

A Corcino Júnior, companheiro de muitas investidas na vida.

Aos professores do Programa de Pós-graduação do Departamento de Enfermagem, responsáveis pela formação intelectual.

Às companheiras da turma de mestrado (Adriana Cristina, Ana Tânia, Cilene Nunes, Cleide Oliveira, Débora Rodrigues, Izaura Freire, Jovanka Bittencourt, Juliana Teixeira, Niedja Cibegne, Renata Moreira, Sandra Michelle e Simone Pedrosa) pelo convívio e novas amizades.

Às enfermeiras, Maria Cléia de Oliveira Viana e Neuma Oliveira de Medeiros, diretoras de Enfermagem do HUOL, pela compreensão e acomodação dos horários de trabalho.

Aos entrevistados, pela boa vontade em contribuir com valiosas lembranças.

Ao Arquivo Geral do Estado, na pessoa do Sr. Paulo dos Santos, pelo entusiasmo com o qual me apresentava os documentos e pela permissão em utilizar as fotografias relacionadas ao Hospital Universitário “Onofre Lopes”.

Enfim, a **todos** que contribuíram das mais variadas maneiras para que a realização desta dissertação se concretizasse.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEn – Associação Brasileira de Enfermagem.
CAS – Complexo de Atenção à Saúde.
CCHLA – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.
CCS – Centro de Ciências da Saúde.
CCSA – Centro de Ciências Sociais Aplicadas.
CHS – Complexo Hospitalar e de Saúde.
CNCT – Campanha Nacional Contra a Tuberculose.
CNRM – Comissão Nacional de Residência Médica.
CONDETUF – Conselho Nacional de Diretores de Escolas Técnicas vinculadas às Universidades.
CONSAD – Conselho de Administração.
CONSEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.
CONSUNI – Conselho Universitário.
COREME – Comissão de Residência Médica.
CT – Centro de Tecnologia.
DNSP – Departamento Nacional de Saúde Pública.
DOH – Divisão de Organização Hospitalar.
HUAB – Hospital Universitário “Ana Bezerra”.
HUOL - Hospital Universitário “Onofre Lopes”.
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IEL – Instituto Euvaldo Lodi.
LDB – Lei de Diretrizes e Bases.
MEC – Ministério de Educação e Cultura.
MEJC – Maternidade Escola “Januário Cicco”.
PROFAE – Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem.
PS – Pronto Socorro.
REBEN – Revista Brasileira de Enfermagem.
RN – Rio Grande do Norte.
SAH - Sociedade de Assistência Hospitalar.
SESP – Serviço Nacional de Saúde Pública.
SNCT – Serviço Nacional Contra Tuberculose
SUS – Sistema Único de Saúde.
UFBA - Universidade Federal da Bahia.
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
UNI-RIO – Universidade do Rio de Janeiro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Hospital de Caridade “Jovino Barreto” (1909)	22
Hospital de Caridade “Jovino Barreto” (fachada principal)	29
Hospital de Caridade “Jovino Barreto” (fachada lateral)	30
Hospital “Miguel Couto” (fachada fronto-lateral)	31
Hospital “Miguel Couto” (fachada fronto-lateral)	33
Hospital Universitário “Onofre Lopes” (2005)	42
Grupo de religiosas Filhas de Sant’Ana	53
Hospital de Caridade “Jovino Barreto” (enfermaria masculina)	55
Festa do cinqüentenário do Hospital “Miguel Couto” (1959)	74
Casa da Avenida Nilo Peçanha	84
Complexo de Enfermagem (UFRN)	85

CARLOS, Djailson José Delgado. **Passado e Presente: a da Enfermagem do Hospital Universitário “Onofre Lopes” – HUOL**. Natal, 2005. 116 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

RESUMO

Trata-se de um estudo de enfoque histórico com abordagem qualitativa, tendo como principal propósito investigar a trajetória da Enfermagem do Hospital Universitário “Onofre Lopes” (HUOL) e sua relação com o ensino de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A motivação para sua realização se deve, em primeiro lugar, ao gosto pela história e, em segundo lugar, pela inexistência de registros acerca da Enfermagem de uma das instituições de maior tradição no ensino da área de saúde, e de Enfermagem no Rio Grande do Norte. Teve como objetivos analisar a evolução histórica da Enfermagem do HUOL e sua relação com o ensino de Enfermagem da UFRN; descrever a evolução histórica do referido Hospital; e estabelecer a relação existente entre a evolução da Enfermagem do HUOL e o ensino de Enfermagem da UFRN. A investigação empírica pautou-se no estudo de documentos históricos, como relatórios, atas, cartas, regimentos, estatutos, Leis, Decretos, Portarias, além de fotos e entrevistas com pessoas que viveram essa história ou que dela tem vivas memórias. Da pesquisa realizada, pode-se depreender que a Enfermagem do HUOL, nos seus primórdios, guarda uma estreita identidade com a fase empírica da profissão. Sua evolução deve-se à institucionalização do ensino, tendo como marco inicial a autorização para o funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, no ano de 1955. A partir de então, gradativamente, o ensino possibilitou a profissionalização dos exercentes de Enfermagem daquela instituição, em regime de parceria entre a Escola de Auxiliares e a direção de Enfermagem do Hospital que, por muitos anos, foi exercida por um professor. No ano de 1973, com a criação do curso de graduação em Enfermagem na UFRN, a Enfermagem do HUOL passa por um novo processo de transformação, com a admissão de novos enfermeiros em seu quadro. O mesmo ocorreu com a criação do ensino de pós-graduação _ especialização e mestrado _ em 1982 e 1996, respectivamente, abrindo perspectiva de aprofundamento da formação acadêmica dos enfermeiros daquela instituição. Portanto, deve-se afirmar que a Enfermagem do HUOL, ao longo dos anos, passou por um processo contínuo de qualificação de seu quadro, tendo como marco, nessa trajetória, o ensino de Enfermagem da UFRN em seus diferentes níveis.

Palavras-chave: História da Enfermagem; Educação; HUOL.

CARLOS, Djailson José Delgado. **Past and Present: the Nursing at the Hospital Universitário “Onofre Lopes” – HUOL**. Natal, 2005. 116 p. Dissertation (Master in Nursing). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Federal University of Rio Grande do Norte).

ABSTRACT

This is a historically focused study with a qualitative approach whose main purpose is to investigate the trajectory of Nursing at the Hospital Universitário “Onofre Lopes” (HUOL) and how it associates with the teaching of Nursing at the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN). Motivation for carrying out this study is due, firstly, to a liking for history and, secondly, to the nonexistence of records on Nursing in one of the institutions with the most teaching tradition in the area of health and nursing in the state of Rio Grande do Norte. The objectives of the study were to analyze the historical development of Nursing at the HUOL and its association with the teaching of Nursing at the UFRN; describe the historical development of the Hospital referred to; and to establish a relationship between the development of nursing at the HUOL and the teaching of Nursing at the UFRN. Empirical investigation was carried out based on the study of historical documents such as reports, minutes, letters, by-laws, decrees and administrative directives, as well as photographs and interviews with people who lived through this history or who kept vivid memories of it. From this research it can be gathered that Nursing at the HUOL was at first closely identified with the empirical stage of the profession. Its development is a result of the institutionalization of teaching whose starting point is an authorization for running the Nursing Aid School of Natal in 1955. Since then, gradually, teaching has enabled those who practiced nursing at that institution to become professionals through a partnership between the Nursing Aid School and the Nursing Department at the Hospital whose administration had been in charge of a professor for many years. Upon the creation of the undergraduate program in Nursing in 1973, nursing at the HUOL underwent a new transformation process with new nurses being hired. Likewise, the creation of post-graduate – specialization and master’s degree – programs in 1982 and 1996, respectively, opened the way to the growth of the academic qualifications of nurses at that institution. Therefore, it must be asserted that Nursing at the HUOL has, over the years, gone through a continuous process of qualification of its members and in such trajectory the teaching of Nursing that is carried out at different levels at the UFRN stands as a hallmark.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	17
3 CONHECENDO O HOSPITAL	22
4 A ENFERMAGEM CONTADA POR QUEM VIVEU	45
4.1 A História da Enfermagem e o HUOL	45
4.2 A Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal e o Hospital	59
4.3 O ensino superior em Enfermagem na UFRN e o HUOL	85
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
6 REFERÊNCIAS	104
ANEXOS	111

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por finalidade registrar a história da Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL), tomando como referência a formação profissional. Torna-se importante investigar sua origem, quando da fundação desse Hospital, os pontos marcantes de sua evolução, até os dias atuais. Dessa maneira, tem-se a pretensão de reunir o máximo de informações na construção dessa história, abrindo perspectivas para o conhecimento da profissão.

A escolha dessa Instituição se deu pelo fato de a mesma ser para o Estado do Rio Grande do Norte (RN) uma referência na formação dos profissionais de saúde e, em particular, de Enfermagem.

Assim sendo, é propósito desta pesquisa fazer o registro da trajetória da Enfermagem do HUOL, no intuito de preservar sua memória e fomentar estudos outros que tratem, sobretudo, de aspectos relacionados à profissão, contribuindo assim para a construção efetiva do saber no campo da saúde e da Enfermagem principalmente.

Nessa perspectiva, a opção pelo tema decorre, em parte, de inquietações surgidas com minha inclusão no corpo permanente de enfermeiros do referido Hospital no ano de 2003, por aprovação em concurso público. Após ser admitido, ao tentar me inteirar da situação pregressa da Enfermagem daquela Instituição, quase secular, pude constatar a inexistência de registros, fato este que despertou em mim o desejo de estudar sua trajetória ao longo de todos esses anos.

Desse modo, a força motriz se constituiu do interesse em contribuir para a memória da Enfermagem, buscando a compreensão do passado para melhor entender sua evolução até o momento presente. Dessa forma, partiu-se para a realização de um levantamento de material sobre o Hospital e a Enfermagem, incluindo atas de reuniões, relatórios, fotografias, cartas, livros, dissertações e teses acadêmicas, entre outros documentos.

A motivação para este estudo deveu-se, além do gosto pela história, pela existência de laços afetivos com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), visto ter sido o local no qual iniciei e conclui o Curso de Graduação em Enfermagem, e, também, de ter disposto do HUOL como referência para exercitar nas aulas práticas aqueles ensinamentos recebidos em sala de aula.

Atualmente, o referido Hospital é uma instituição de saúde pública terciária de âmbito federal, vinculada ao Ministério da Saúde, cuja função básica é apoiar o ensino de graduação e pós-graduação do Centro de Ciências da Saúde (CCS), da UFRN, como também prestar assistência à população.

Funcionando como Hospital Escola, desde a criação da Universidade do Rio Grande do Norte, em 1958, desempenha importante papel como centro de pesquisa científica nas diversas áreas e conhecimentos aplicados à saúde, desenvolvendo, para tal, atividades de ensino, pesquisa, extensão e assistência.

Quanto à assistência, o Hospital integra-se ao Sistema Único de Saúde (SUS), prestando serviços médico-hospitalares à população do Rio

Grande do Norte, desde o atendimento ambulatorial até serviços de maior complexidade.

Fundado em 12 de setembro de 1909, em Natal, capital do Estado do RN, durante a administração do governador Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão, em uma casa de veraneio adaptada, no bairro de Petrópolis, inicialmente dispunha de apenas dezoito leitos. Naquela ocasião, foram as religiosas da Congregação Filhas de Sant'Ana as primeiras a exercerem as atividades relacionadas à Enfermagem.

Sua existência é marcada por vários processos de reformas e ampliações, ocasionando modificações em sua estrutura física e organizacional. Seu crescimento foi acompanhado de sucessivas mudanças de nomes, a saber: Hospital de Caridade "Jovino Barreto", Hospital "Miguel Couto", Hospital das Clínicas e, a partir de 1984, como homenagem ao primeiro Reitor da UFRN, passou a denominar-se Hospital Universitário "Onofre Lopes"¹.

Hoje, juntamente com a Maternidade Escola "Januário Cicco" (MEJC), Hospital de Pediatria Professor Heriberto Ferreira Bezerra e o Hospital Universitário "Ana Bezerra" (HUAB), integra-se ao Complexo Hospitalar e de Saúde (CHS). Este, todavia, dispõe de unidades complementares, quais sejam: Unidade de Hemoterapia, Unidade Odontológica, Laboratório de Análises Clínicas, Unidade de Medicina Comunitária e Unidade de Anatomia Patológica.

¹ Onofre Lopes da Silva nasceu no ano de 1907, em um lugar chamado Comum, município de Monte Alegre / RN. Em 1920, tendo completado 14 anos de idade, transferiu-se para Natal, vindo a morar na casa de um de seus nove irmãos. Concluiu o Curso Secundário no Atheneu Norte-Riograndense. Iniciou o Curso de Medicina na Faculdade de Recife, mas o concluiu em 1932 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi Diretor do Hospital "Miguel Couto" e sucedeu, em 1952, o Dr. Januário Cicco na Direção da SAH. Atuou no grupo fundador da Faculdade de Medicina, em 1955, e nela foi professor. No ano de 1958 participou da fundação da Universidade do Rio Grande do Norte e ocupou o cargo de primeiro Reitor. Também foi eleito presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras (LYRA, 1984).

Enquanto campo de estágio para os cursos do CCS, o referido hospital acolhe acadêmicos de Medicina, Fisioterapia, Nutrição, Enfermagem, Farmácia e estudantes do ensino profissional da Escola de Enfermagem de Natal, da UFRN, bem como de outras instituições públicas do Estado. Além disso, atende a solicitações de escolas técnicas de Enfermagem de iniciativa privada.

Torna-se significativo registrar que de todos esses segmentos da saúde, foi a Enfermagem que manteve, ao longo dos anos, uma relação mais estreita com o Hospital.

Referindo-se ao ensino de Pós-Graduação, o HUOL dispõe de um Programa de Residência Médica funcionando já há alguns anos e em processo de expansão. Contempla doze especialidades médicas, oferecendo, conforme quadro de quantitativos referente ao ano de 2005, setenta e cinco vagas, para o residente iniciante, denominado R1.

Sabe-se que Programas como as Residências têm se expandido para outros cursos da área da saúde, haja vista as crescentes exigências do mercado de trabalho, face ao desenvolvimento econômico e tecnológico evidenciado nos diversos setores da sociedade moderna.

Isso posto, deve-se dizer que a primeira iniciativa de ensino na história do Hospital Universitário “Onofre Lopes” ocorreu, no ano de 1955, com o funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal² em suas

² Fundada às 10 horas do dia 20 de julho de 1950, em seção solene realizada no Salão Nobre do Hospital “Miguel Couto”, tinha sua diretoria composta pelo Dr. Onofre Lopes (Diretor), Elita Silveira (enfermeira diplomada, nas funções de Vice-diretora e professora) e Irmã Teodolinda Amazonas (Secretária), porém por questões burocráticas e por falta de recursos humanos e materiais, sua autorização de funcionamento foi, por anos, adiada.

dependências, na época, Hospital “Miguel Couto”. Nesse mesmo período foi fundada a Faculdade de Medicina, que também passou a fazer uso do Hospital para a realização de aulas práticas.

No início da década de 1970, com a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei nº 5.692/71 do Ministério da Educação e Cultura (MEC), cria-se o ensino profissionalizante em nível de 2º Grau³.

Nessa condição, é a Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal que assume, em convênio com alguns colégios da cidade, a parte profissionalizante do referido curso. Inicia-se, portanto, a formação do Técnico em Enfermagem na UFRN, com aulas práticas também ministradas no Hospital. Deve-se ressaltar que a própria legislação do ensino profissionalizante possibilitou aos egressos do Auxiliar de Enfermagem, a complementação de seus estudos para o Técnico, e foram os auxiliares de enfermagem do HUOL os primeiros a realizar a complementação.

Nessa mesma década, o Conselho Universitário (CONSUNI), através da Resolução nº 58, cria em 13 de agosto de 1973 o Curso de Enfermagem da UFRN que, com igual finalidade, passou a utilizar o HUOL, para as aulas práticas.

Quanto ao funcionamento do Curso de Enfermagem da UFRN, só foi possível no ano seguinte (1974), cabendo à professora enfermeira Leda de Melo Moraes, na condição de Chefe de Departamento, sua organização e

³ O ensino de 2º Grau da época corresponde ao ensino de nível médio da atualidade conforme a Lei nº 9.394/96 do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e, no caso em pauta, ensino profissional.

estruturação. Para tal, contou com a equipe de professoras⁴ que integravam o corpo docente do recém-criado Departamento de Enfermagem.

Dessa forma, diante destas breves considerações, registrar a **trajetória histórica da Enfermagem do Hospital Universitário “Onofre Lopes” (HUOL)**, articulando com o ensino de Enfermagem da UFRN, constitui o objeto desta investigação⁵.

São, portanto, indagações norteadoras desta pesquisa: Como se estruturou e evoluiu ao longo dos anos a Enfermagem do HUOL? Quais as principais contribuições para sua evolução histórica? Como se processou e se processam as relações entre a Enfermagem do HUOL e o ensino de Enfermagem da UFRN?

Assim sendo, o desenvolvimento desta pesquisa justifica-se pelo fato de resgatar uma história ainda não registrada e de suma importância para a Enfermagem do Rio Grande do Norte, pelo seu pioneirismo. Mesmo estruturada inicialmente em bases empíricas, o Hospital evoluiu e com ele a Enfermagem, passando a Instituição a ser conhecida por sua importância na formação e qualificação de enfermeiros e da Enfermagem como um todo, além de outros profissionais da saúde.

Nessa perspectiva, para a realização da pesquisa foram definidos os seguintes objetivos: analisar a evolução histórica da Enfermagem do HUOL

⁴ No ano de 1974 o Departamento de Enfermagem era composto por sete docentes, a saber: Dayse Maria Gonçalves Leite, Guiomar Pereira Barreto, Maria das Graças de Araújo Braga, Maria Élide Santos de Sousa, Nadir Soares Vila Nova, Oscarina Saraiva Coelho e Raimunda Medeiros Germano.

⁵ Deve-se esclarecer que, mesmo existindo a escola de Auxiliares de Enfermagem, anterior à criação da UFRN, a Universidade representa, ao longo da história, a referência maior na construção da Enfermagem do HUOL.

e sua relação com o ensino de Enfermagem da UFRN; descrever a evolução histórica da Enfermagem do HUOL ao longo do tempo; e estabelecer a relação existente entre a evolução da Enfermagem do HUOL e o ensino de Enfermagem da UFRN.

Quanto à apresentação deste estudo, além da introdução, é a seguinte a ordem de exposição: O capítulo 2 trata dos caminhos metodológicos percorridos na pesquisa. O capítulo 3 aborda especificamente o Hospital com suas diferentes transformações e mesmo denominações transcorridas ao longo do tempo. O capítulo 4 se reporta à evolução da Enfermagem, compreendendo três momentos essenciais: A Enfermagem do HUOL em seus primórdios, guardando nítida identidade com a sua fase pré-profissional; o surgimento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, dentro do próprio Hospital e as mudanças advindas na Enfermagem; e o ensino superior de Enfermagem na UFRN e a renovação do quadro de Enfermagem do HUOL. Por fim, as considerações finais.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo de enfoque histórico com abordagem qualitativa, tendo como propósito investigar a trajetória da Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL), tomando como referência principal o ensino de Enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Conforme Triviños (1987), o enfoque qualitativo permite buscar as raízes dos significados, das suas causas, extrapolando uma visão superficial que se possa ter desses significados. A respeito deste enfoque, Minayo (1994) afirma que deve ser utilizado quando se pretende aprofundar a realidade. E ainda acrescenta que os dados qualitativos trazem para o interior da análise o subjetivo e o objetivo, os atores sociais, os fatos e os significados (MINAYO, 1994, p. 35).

Desse modo, trabalhar na perspectiva qualitativa neste estudo possibilitará ultrapassar a aparência do fenômeno, identificando, analisando e argumentando significados presentes nos registros contidos nos diversos tipos de documentos e nos depoimentos dos entrevistados.

Acerca de entrevista, Minayo (1994) diz não ser apenas uma forma de se colher informações, mas também uma situação de interação e contribuição mútua entre o sujeito e o pesquisador. Para Triviños (1987), trata-se de um momento enriquecedor para investigação, pois o entrevistado participa da elaboração da pesquisa. Ainda sobre entrevista, Richardson *et al* (1999) afirmam ser a melhor situação para participar da mente de outro ser

humano, visto ser estabelecida por comunicação bilateral, possibilitando penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos.

A propósito, foram realizadas, nesta investigação, quinze entrevistas com pessoas que vivenciaram, de alguma maneira, um pouco dessa trajetória histórica. Estes momentos ocorreram entre os meses de fevereiro a março de 2005. Quanto aos entrevistados, foram: dois médicos, também professores e administradores; três religiosas; uma enfermeira diretora de Enfermagem; um técnico em Enfermagem; duas auxiliares de Enfermagem, uma das quais, aluna da primeira turma da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal; duas enfermeiras diretoras da Escola de Enfermagem de Natal; duas enfermeiras professoras da primeira turma do curso de graduação; além de dois enfermeiros professores do Departamento de Enfermagem da UFRN que exerceram a direção de Enfermagem do HUOL. Estes entrevistados estão devidamente identificados no anexo nº 01.

Para a realização das entrevistas, considerou-se as orientações da Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde e do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN.

Assim sendo, no que tange à coleta de dados, para ter-se acesso à utilização de documentos, foram previamente solicitadas autorizações ao Arquivo Geral do Estado, a Direção de Enfermagem do HUOL e à Escola de Enfermagem de Natal. Estas fontes foram da mais alta significação por conter registros que dizem respeito ao Hospital, ora estudado, ao ensino de Enfermagem e à própria Enfermagem. Também foram levantadas referências bibliográficas pertinentes à história do HUOL, que complementa o objeto desta investigação. Conforme Lüdke; André (1986), a análise documental deve ser

bem explorada, podendo ser complementada por outra técnica. No caso deste estudo, utilizou-se a entrevista.

Sobre a realização das entrevistas, deve-se dizer que ocorreram de forma voluntária e agendada conforme a disponibilidade dos entrevistados. Aos mesmos foram explicitados os objetivos do estudo e ressaltada a importância da cooperação de cada um. Na oportunidade foi solicitada a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, bem como a gravação das falas.

Sobre essa etapa da investigação, faz-se importante registrar duas ocorrências. A primeira diz respeito à negação em conceder entrevista por parte de uma participante, sob alegação de indisposição em falar, visto já ter sido entrevistada por outros pesquisadores, além de se julgar esquecida para muitos fatos ocorridos em sua vida profissional. E, a segunda, a formalização de uma visita ao Hospital, feita por um dos entrevistados, funcionário aposentado (técnico de enfermagem), admitido no final dos anos 50, que se dispôs a caminhar pelo interior do Hospital, contando ricamente os detalhes da história dos dois (dele e do Hospital).

Enquanto técnica de entrevista, optou-se pela não diretiva. Segundo Richardson *et al* (1999), esse tipo de entrevista permite ao entrevistado manter-se interessado no que fala, desenvolvendo suas opiniões e informações, conforme suas conveniências. A respeito do entrevistador, no dizer dele, cabe apenas as funções de orientação e estimulação.

Além de todos os dados e informações colhidas para esta pesquisa, deve-se registrar que foram, igualmente, fundamentais os estudos de

Timóteo (1997), Pinheiro (2003) e Meneses (2005) que tratam de temas pertinentes à Enfermagem do Rio Grande do Norte.

Portanto, deve-se dizer que a trajetória histórica da Enfermagem do Hospital Universitário “Onofre Lopes”, objeto desta pesquisa, foi sendo lentamente tecida e construída, podendo ser comparada a um verdadeiro artesanato intelectual. Para tal, contou com referências existentes em documentos, estudos acadêmicos e com a memória daqueles que ajudaram a construí-la ou que dela tem vivas memórias.

Muita gente pensa que a História é uma velhinha amável e covarde que aceita, por preguiça e senectude, as decisões dos contemporâneos. Todos nós julgamos a História quando apenas escrevemos para a História.

Luiz da Câmara Cascudo

3 CONHECENDO O HOSPITAL

À época da fundação do Hospital de Caridade "Jovino Barreto", a cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, encontrava-se em um lento processo de urbanização. Sua população era de aproximadamente trinta e um mil habitantes e em função da deficiente infra-estrutura rodoferroviária, permanecia praticamente isolada das demais cidade do Estado.

A fundação deste novo serviço decorreu da necessidade de organizar uma assistência condigna à população, considerando que, até então, a única instituição destinada ao atendimento de doentes era o Hospital de Caridade, localizado à Rua da Misericórdia, no bairro da Ribeira, mesmo assim, em precárias condições (CASCUDO, 1984).

Naquele tempo, início do século XX, a Ribeira concentrava praticamente todas as atividades da cidade de Natal. Grande parte das negociações comerciais ocorria na Rua do Comércio, hoje Rua Chile, devido aos seus armazéns. Lá se negociava pau-brasil, açúcar, algodão, sal, tatajuba, peixe seco, entre outros produtos. Nesta mesma rua, precisamente no número 106, encontrava-se o “Palácio da Ribeira”, sede do Governo do Estado. Neste bairro também havia uma fábrica (Fábrica de Fiação e Tecido de Natal) de propriedade de Jovino Barreto, que permaneceu como a primeira e única da cidade, até 1946 (CASCUDO, 1999).

Considerando-se que Natal se organizava, fatos importantes em seu processo de urbanização ocorreram nas duas primeiras décadas deste século, contribuindo para o seu desenvolvimento. Isso fica bem evidente quando Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão⁶, Governador do Estado, e Joaquim Manuel Teixeira de Moura, presidente da Intendência Municipal, criaram o terceiro bairro de Natal, totalmente planejado, através da Resolução nº 55, de 30 de dezembro de 1901, denominado de Cidade Nova. Atualmente este bairro compreende os bairros de Petrópolis e Tirol (CASCUDO, 1999; LIMA, 2003).

Nesse contexto, início do século XX, foi criado o Hospital de Caridade “Jovino Barreto” através do Decreto nº 205 de 21 de agosto de 1909, e inaugurado em 12 de setembro do mesmo ano, em uma casa de veraneio adaptada, cuja área construída era de 300 metros quadrados. Localizado no

⁶ Nascido no ano de 1872, na cidade de Macaíba (RN), governou o Estado por duas ocasiões (1900-1904 e 1908-1913). Eleito para o seu primeiro mandato aos vinte e seis anos e nove meses de idade, permanece até hoje como sendo o governador mais jovem do Rio Grande do Norte. Ficou conhecido como o “Mecenas Potiguar”. Faleceu no ano de 1944 (MARIZ; SUASSUNA, 1999).

monte Petrópolis, este Hospital atualmente é denominado Hospital Universitário “Onofre Lopes” (HUOL). Naquela ocasião, dispunha, tão-somente, de dezoito leitos, destinados ao atendimento de pessoas carentes e, administrativamente, encontrava-se subordinado ao Estado por meio da Inspetoria de Higiene e Saúde.

Apenas, a título de ilustração e, ao mesmo tempo, para que se possa melhor perceber o que acontecia naquela época, na cidade de Natal, tomando-se como referência os estudos de Cascudo (1999), alguns feitos merecem ser destacados. Dentre estes, a criação do Instituto Histórico e Geográfico (1902); inauguração do Teatro Carlos Gomes (1904); reconstrução e saneamento do Baldo (1905); inauguração do trecho iluminado a gás acetileno da Rua Silva Jardim à Praça Augusto Severo, na Ribeira (1905); abertura do Banco de Natal (1906), posteriormente BANDERN; inauguração dos bondes elétricos (1911); inauguração de parte da Avenida Rio Branco, trecho Rua Apodi/ Baldo (1916); inauguração da Ponte Metálica sobre o rio Potengi (1916); aterrissagem do hidroavião, Sampaio II, nas águas do Potengi (1922); aprovação da Lei nº 600 – concessão às mulheres do direito ao voto (1927) e outros que se sucederam.

Todos estes feitos se reportam ao período da História do Brasil denominado República Velha (1889-1930) e dizem respeito às realizações da oligarquia Albuquerque Maranhão⁷, que pontificou, nessa época, no Estado do Rio Grande do Norte e, em particular, na cidade de Natal.

⁷ Esta oligarquia teve início logo após a Proclamação da República no Brasil, quando, por ordem do Ministro do Interior _ Aristides Lobo _ Pedro Velho de Albuquerque Maranhão assumiu o cargo de Governador do Estado e proclamou a República no Rio Grande do Norte, em 17 de novembro de 1889. Sucederam-no, nesta ordem: Ferreira Chaves, Alberto Maranhão, Tavares de Lyra, Manoel Moreira Dias, Antônio José Melo e Sousa, Alberto Maranhão, Ferreira Chaves e Antônio José Melo e Sousa (MARIZ; SUASSUNA, 1999).

Sobre a inauguração do Hospital de Caridade “Jovino Barreto”, Cascudo (1999) escreve que o Dr. Januário Cicco⁸ foi o primeiro diretor, tendo sido nomeado em 31 de agosto de 1909, e que José Lucas do Nascimento foi o primeiro “enfermeiro”, tornando-se um “doutor” de gente pobre, popularíssimo, sob o apelido de José Enfermeiro. Para a assistência aos enfermos e direção doméstica, foi contratado um grupo de religiosas da Ordem Filhas de Sant’Ana.

O citado autor prossegue informando que na manhã seguinte à inauguração, foi atendido o primeiro doente. Era um jovem paraibano de dezoito anos de idade, funcionário da Estrada de Ferro, com a mão inchada e rubra por um fleumão.

A respeito do “enfermeiro” José Lucas do Nascimento, Sarinho (1988), descreve-o como sendo muito dedicado, sempre pronto para o atendimento a qualquer paciente e que chefiava o serviço de Enfermagem nas enfermarias masculinas.

Sobre este fato, faz-se necessário esclarecer o caráter essencialmente empírico da Enfermagem da época, visto que o ensino com base técnico-científica no Brasil, vem se estruturar somente no ano de 1923, na cidade do Rio de Janeiro, com a fundação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), atual Escola Ana Néri.

⁸ Natural da cidade de São José do Mipibú, Estado do Rio Grande do Norte, filho do casal Vicente de Cicco e Ana Albuquerque de Cicco, nasceu em 30 de abril de 1881. Quando jovem, transferiu-se com a família para Natal, capital do Estado, tendo concluído seus estudos no Atheneu Norte-Rio-Grandense. Cursou Medicina na Faculdade da Bahia, onde se formou em 1906. Retornando a Natal se casou com a pernambucana Isabel Simões, com quem teve uma única filha, Ivette Cicco. É considerado como sendo um visionário e pioneiro da medicina social do Estado. Ocupou a cadeira de número onze da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Entre seus escritos, destacam-se: Destino dos Cadáveres, Como Higienizar Natal, Puericultura do Ano 2000, Notas de Médico da Província, Padre João Maria, e Eutanásia. Faleceu, em sua residência, no dia 1º de novembro de 1952, aos 71 anos de idade, vítima de enfarto cardíaco (ARAÚJO, 1983).

No que tange ao Rio Grande do Norte, essa modalidade de ensino foi institucionalizada em 1955, mas ainda como nível médio, após a autorização para funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal. Assim sendo, ainda que reconhecido profissionalmente por suas habilidades e qualidade de seus serviços, José Lucas do Nascimento não dispunha de nenhuma formação profissional formal ainda que recebesse o título de “enfermeiro”.

Quanto às religiosas, Timóteo (1997) relata serem estas em número de sete; dentre elas havia uma que era licenciada em serviços farmacêuticos. Refere ainda que o Hospital dispunha de pessoal para as funções de serventes, jornaleiros e criados.

A primeira Superiora desse grupo, segundo Cascudo (1999), foi a Irmã Cosma Campani, italiana. As demais irmãs se dedicavam a atividades diversas dentro do Hospital, dentre as quais a assistência de Enfermagem.

Sobre o Hospital de Caridade “Jovino Barreto”, dados do Movimento Hospitalar de 1909, através da Diretoria Geral de Estatística, demonstram que, neste ano, foram atendidos duzentos e oitenta e nove enfermos, distribuídos entre homens, mulheres, crianças, incluindo estrangeiros. Destes atendimentos, cento e trinta e cinco foram de clínica médica, cento e treze de clínica cirúrgica, vinte e cinco de dermatologia, doze de pediatria, dois de oftalmologia, e dois partos. Também há informações de que ocorreram vinte e seis óbitos.

Ainda acerca do documento, ora referido, consta que o Hospital encontrava-se instalado em um edifício adaptado, disposto em um único pavimento e que era mantido pelo Estado, destinando-se ao atendimento de

pacientes indigentes, denominação comum à época, aos que não dispunham de recursos, e, para tal, disponibilizava enfermarias masculina e feminina.

Nas palavras de Cascudo (1999), Januário Cicco era médico parteiro, oculista, dentista, dermatologista, analista, colaborando na administração interna da casa, aparando os golpes imprevistos com discreta agilidade, irradiando bom-humor, entusiasmo e sonhos. Vê-se que a realidade divergia diametralmente da situação atual, na qual para cada área existe um especialista.

E assim permaneceu por muitos anos até que em 15 de janeiro de 1917, por nomeação do Governador do Estado, Joaquim Ferreira Chaves, o Dr. Octávio de Gouveia Varela, na condição de médico-ajudante, se juntou a Januário Cicco nos afazeres hospitalares. Durante quase dezenove anos, os dois foram irmãos e amigos neste “sacerdócio”, dividindo entre si as tarefas de atender a todos os necessitados (ARAÚJO, 1983).

Passados dez anos de sua inauguração, o Movimento Hospitalar de 1919, através da Diretoria Geral de Estatística, refere-se ao Hospital como estando bem ampliado, dispondo de sete enfermarias, cinco masculinas e duas femininas, porém carente de serviço de ambulância. Informa também sobre a construção de acomodações para pensionistas de primeira e segunda classe, de uma moderna sala de operações com espaços destinados ao tratamento de feridas e à esterilização de materiais. Do ponto de vista de pessoal, esse documento relata que o grupo foi acrescido de mais um cirurgião, um dentista prático, uma parteira (Leonor Monteiro da Silva) e uma “enfermeira” (Maria de Jesus).

Próximo de completar duas décadas de fundação, apresentando-se fisicamente ampliado, mais confortável e dispondo de um quadro profissional diversificado, o Hospital de Caridade “Jovino Barreto” deparava-se com dificuldades relacionadas à burocracia, bem como com a escassez de recursos materiais e financeiros.

Data de 25 de maio de 1927 a fundação da Sociedade de Assistência Hospitalar (SAH). Sediada em Natal, tinha caráter privado e beneficente, cuja finalidade era a assistência médica e o amparo hospitalar aos pobres do Estado. Sua validade era indefinida e apresentava a seguinte composição: Januário Cicco (Diretor-médico), João Crisóstomo Galvão Filho (Tesoureiro) e Fernando Gomes Pedrosa (Secretário).

O Hospital de Caridade “Jovino Barreto” permaneceu sob a administração direta do Estado até 30 de junho de 1927, data em que foi lavrado o contrato entre José Augusto Bezerra de Medeiros e Januário Cicco, Governador do Estado e Diretor da SAH, respectivamente. Neste documento, o Estado entendeu de desoficializar suas atenções, transferindo-as à Sociedade de Assistência Hospitalar, tornando-a, assim, responsável pelo gerenciamento, planejamento e administração dos recursos do Hospital.

Em linhas gerais, esse contrato, cuja validade era de 20 anos a contar de 01 de julho de 1927, obrigava a Sociedade a conservar os profissionais já existentes no Hospital, em iguais condições dos funcionários do Estado, bem como assumir toda responsabilidade quanto às futuras nomeações e gerenciamento dos recursos. Também foi condição contratual a construção de uma maternidade e a criação de uma escola de enfermeiros e

parteiras. Ao Estado coube uma subvenção contratual de 100:000\$000 (cem mil réis) anuais para todas as despesas.

De acordo com os registros do Livro Diário de 16 de julho de 1927, aberto por ocasião da sua transferência administrativo-financeira para a SAH, o Hospital se encontrava assim estruturado: sala de entrada, sala de consulta, sala de odontologia, sala de trabalho das Irmãs, sala da secretaria, sala de ginecologia, sala da farmácia, sala de operações, sala da oftalmologia, cinco enfermarias, refeitório dos enfermos, refeitório das mulheres e saleta anexa, enfermaria das mulheres secção maternidade, dormitório e refeitório das Irmãs, cozinha, dispensa, pavilhão para pensionistas contribuintes (1ª e 2ª classes), e Capela de Sant'Ana.

Hospital de Caridade "Jovino Barreto" (fachada principal).

Nessa época, o Hospital dispunha de noventa e três leitos, assim distribuídos: 1ª enfermaria, com onze leitos; a 2ª, com quatorze; a 3ª, com quatorze; a 4ª, com doze; a 5ª, com treze; secção de maternidade, com dezoito;

pavilhão de 1ª classe, com seis apartamentos; e pavilhão de 2ª classe, com cinco.

Em 1927, o Hospital, nas palavras de Araújo (1983), contava com um maior número de clínicas e uma fachada mais apropriada. Prossegue, afirmando que funcionavam as Clínicas Médica e Cirúrgica, Oftalmologia, Fisioterapia, Laboratório de Análises e Pavilhão de Maternidade.



Hospital de Caridade "Jovino Barreto" (fachada lateral).

O contrato celebrado entre o Governo do Estado e a SAH, em 30 de junho de 1927, foi revisto em 16 de julho de 1934, através do Decreto Estadual nº 688, assinado pelo Governador Interventor Mário Leopoldo Pereira Câmara. Desta forma, o Termo do Primeiro Aditivo aprovou as seguintes cláusulas: subvenção anual de 150:000\$000 (cento e cinquenta mil réis) a partir de 01 de janeiro de 1935 e determinou o prazo de dois anos para que o

Hospital aumentasse o número de leitos em, pelo menos, duzentos gratuitos e vinte e um para pensionistas contribuintes.

Já bem ampliado e dispendo de melhores instalações, o Hospital de Caridade “Jovino Barreto” passou a denominar-se Hospital “Miguel Couto”, fato este ocorrido em outubro de 1935, com a desaprovação popular, em decorrência da troca do nome de um benfeitor local estimado por todos. Segundo Sarinho (1988), a mudança atendeu a um capricho do Dr. Januário Cicco, Diretor da SAH e do Hospital, embora Miguel Couto fosse cientista, clínico consciente, homem culto, professor e referência de competência.

Hospital “Miguel Couto” (fachada frontolateral).

Nessa época, o Hospital passa por outro processo de ampliação e modernização dos serviços. Foram acrescentados, à estrutura já existente, o Pavilhão Santa Isabel, com seis apartamentos de luxo destinados a pensionistas, um elevador e o necrotério.

Torna-se interessante registrar, a título de curiosidade, que o elevador, de marca OTIS Elevator Company, comprado no Rio de Janeiro em 10 de abril de 1935, levou dois meses para ser transferido para Natal, chegando em 10 de junho de 1935.

Da mesma forma, a reivindicação da conclusão do necrotério foi atendida neste mesmo ano, embora haja registro de carta de solicitação da Irmã Superiora, Cosma Campani, ao governador do Estado, Alberto Maranhão, datada de 19 de outubro de 1909, ano de inauguração do referido Hospital.

De acordo com o escrito Síntese Histórica da SAH, encontrado no Arquivo Geral do Estado, em pasta referente ao Hospital “Miguel Couto”, sem data, autor ou qualquer outra referência, lê-se o seguinte:

O esforço desmedido da nossa capacidade de trabalho empenhou-se num gigantesco empreendimento, demolindo e reconstruindo aquela casa, transformando-a em um grande edifício, onde o conforto científico aos doentes se distribui em amplas enfermarias, ao lado do gosto arquitetônico das linhas gerais do edifício. Fazendo-se um Hospital monobloco, moldado no tipo de hospitais tropicais, com suas enfermarias abrigadas do excesso de luz e das correntes de vento, servidas por varandas e galerias que se distribuem pelas faces laterais do estabelecimento.

Conforme documento expedido pela Direção do Hospital “Miguel Couto”, datado de 09 de dezembro de 1935, nove irmãs prestavam assistência ao paciente e assim se constituíam: uma Superiora, cinco assistenciais, uma farmacêutica, uma secretária e uma ecônoma. Informava ainda que, para a assistência ao paciente, o Hospital também contava com um “enfermeiro” (José Lucas do Nascimento), duas “enfermeiras” (Generosa de Sousa e Maria de Jesus) e duas auxiliares de enfermaria (Joaninha Sales e Francisca Fernandes). Deve-se ressaltar que esta equipe era constituída,

na sua totalidade, por práticos de Enfermagem, com maior ou menor experiência.

No período que vai de 1935 a 1945, o Hospital amplia suas dependências e cria novos serviços. De conformidade com dados do Ministério da Educação e Saúde, através do Serviço de Estatística, a estrutura física do Hospital, em 1945, encontra-se assim disposta: dezessete enfermarias, sendo sete masculinas e dez femininas; três salas cirúrgicas, sendo duas assépticas e uma séptica; serviço de raio-x; laboratório de análises; farmácia; gabinete dentário; necrotério; e, ambulatório.

Hospital "Miguel Couto" (fachada frontolateral).

Nesse período, o mundo vivia tensões políticas, econômicas e ideológicas que culminaram na II Guerra Mundial (1939-1945). No dizer de Trindade e Albuquerque (2001), a adesão do Brasil ocorreu mediante a ruptura das relações diplomáticas com países do eixo (Japão, Itália e Alemanha), culminando com o afundamento de vários navios brasileiros por submarinos

alemães. Pouco tempo depois, o governo brasileiro colocou à disposição bases aeronavais aos aliados (França, Inglaterra, União Soviética e Estados Unidos) e, no ano de 1944, ocorreu o envio de tropas para o *front*.

A respeito das tropas enviadas, Cascudo (1984) esclarece que dos vinte e três mil, setecentos e dois pracinhas de todos os Estados do Brasil, que constituíram a Força Expedicionária Brasileira, trezentos e quarenta e um eram norte-rio-grandenses.

Segundo Trindade; Albuquerque (2001, p. 116),

a participação do Brasil na guerra foi de fundamental importância para Natal, que se transformou em ponto de passagem das tropas norte-americanas que se dirigiam para o *front* no continente africano. A cidade mudou em virtude da presença dos norte-americanos: novos hábitos foram adquiridos; tornou-se mundialmente conhecida; sua população sentiu de perto o clima da guerra pela ameaça alemã de bombardeamento; as pessoas passaram a freqüentar cursos de inglês; irradiou-se música estrangeira; a população praticamente duplicou; ocorreu aumento do custo de vida; houve *black-out*; construção de abrigos antiaéreos; entre outros.

Informam também que,

como Natal estava em possível área de combate, as Forças Armadas promoveram cursos de Enfermagem para alguma eventualidade. A maternidade Escola “Januário Cicco”, antiga Maternidade de Natal, foi transformada em hospital militar e o Hospital Universitário “Onofre Lopes”, Miguel Couto à época, foi reestruturado. A Associação dos escoteiros fundou o Hospital “Luiz Soares”, Policlínica naquele tempo, e, a Cruz Vermelha Internacional, por aqui desembarcou fundando uma filial (ALBUQUERQUE; TRINDADE, 2001, p. 117).

Retomando a história do Hospital “Miguel Couto”, em 1945, o Serviço de Estatística do Ministério da Educação, no que se refere aos recursos humanos, afirma a existência de quatorze médicos no quadro de pessoal, distribuídos nas seguintes especialidades: três cirurgiões gerais, três clínicos, dois ginecologistas, um otorrinolaringologista, um oftalmologista, um dermatologista, um radiologista, um urologista e um microbiologista. Esse documento também faz referência à existência de treze religiosas, duas “enfermeiras”, quatro “enfermeiros”, duas parteiras, um farmacêutico, um dentista e vinte e sete serventes.

Em 14 de fevereiro de 1945, Antônio Fernandes Dantas, então Governador do Estado, assina o Termo do Segundo Aditivo ao contrato existente com a SAH desde 30 de junho de 1927, tendo aprovado as seguintes cláusulas: subvenção anual de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros); criação do Serviço de Pronto-Socorro (PS)⁹ a ser organizado, regulamentado e executado pela Sociedade; disponibilidade de três leitos mediante solicitação do Secretário Geral do Governo; e, renovação do contrato por mais quinze anos, a contar de 01 de julho de 1947.

A respeito do Serviço de PS, sancionado pelo Decreto-Lei nº 363 de 08 de fevereiro de 1945, só foi inaugurado em 30 de dezembro desse mesmo ano e compreendia dois tipos de serviços: externo, cujos atendimentos seriam prestados fora do espaço hospitalar (escola, ruas, fábricas, estabelecimentos comerciais), e interno (internamentos de urgência).

Deveria, para tal, dispor de médicos, “enfermeiros” e demais auxiliares sob inteira responsabilidade da SAH. Oferecer serviços gratuitos aos

⁹ Esta unidade hospitalar foi posteriormente denominada de Serviço de Atendimento de Urgência (SAU).

indigentes ou remunerados aos pensionistas, conforme valores estabelecidos pela Diretoria e ter como sede o Hospital “Miguel Couto”. Além disso, ser um serviço ininterrupto e equipado com ambulatório, raio-x, farmácia, sala de operações, de ortopedia, serviço de hemotransusão, enfermarias para indigentes e apartamentos para contribuintes.

Vê-se, portanto, que, a essa altura, aquela casa alpendrada do monte Petrópolis, adaptada para ser instalado o Hospital de Caridade “Jovino Barreto”, encontra-se transformada. Antes, tão distante da cidade, que o médico ia a cavalo, atravessando mata, foi substituída por um edifício de cimento armado, de vários andares, foram ampliadas suas dependências, cobrindo uma área de 3.417 metros quadrados. Os dezoito leitos de 1909 passam para trezentos e setenta e nove em 1946 (CASCUDO, 1999).

A respeito do número de leitos disponíveis no Hospital Miguel Couto, a Direção da SAH, em ofício expedido ao Diretor Geral do Departamento de Saúde Pública, datado de 10 de maio de 1952, faz referência ao aumento na lotação do Hospital, elevando-se para quatrocentos e dezoito leitos, sendo trezentos e oitenta e quatro para não contribuintes e trinta e quatro para contribuintes, divididos entre as clínicas cirúrgica, médica, dermatológica, otorrinolaringológica e PS.

A respeito do serviço de Pronto-Socorro do Hospital “Miguel Couto”, sabe-se que funcionou por muitos anos, porém nos primeiros anos da década de 1970, este serviço foi transferido para o Hospital Monsenhor “Walfredo Gurgel”, especialmente construído para ser referência em urgências para todo o Estado.

Em decorrência da morte de Januário Cicco, aos setenta e um anos de idade, em 01 de novembro de 1952, por enfarto, Onofre Lopes é eleito Diretor, conforme Ata da 8ª Sessão Extraordinária da SAH, de 12 de novembro de 1952. Tinha como missão dar continuidade à obra iniciada por Januário Cicco, pedido, este, feito em seu leito momentos antes de falecer.

Sete dias após o falecimento de Januário Cicco, é sancionada a Lei Estadual nº 693, pelo Governador do Estado, Sylvio Piza Pedroza, com a qual a SAH recebeu, como doação, o Hospital, a Maternidade, anexos e terrenos. Este feito, no dizer de Araújo (1985), consolidou o sonho de Januário Cicco, mesmo que tardiamente.

Decorrente da intensificação das atividades científicas da Sociedade de Medicina e Cirurgia e do Centro de Estudos Médicos, se instalou em Natal, no dia 29 de janeiro de 1955, a Semana de Estudos Médico-Cirúrgicos. Para tal, contou com a participação de profissionais dos Estados do Rio Grande do Norte e de Pernambuco. Por ocasião do encerramento deste evento, em solenidade realizada no Restaurante Rampa, no bairro de Santos Reis, no dia 05 de fevereiro de 1955, Onofre Lopes tornou pública a decisão que a SAH tomara em sessão plenária extraordinária, realizada em 29 de janeiro deste mesmo ano, na qual ficou determinada a criação da Faculdade de Medicina.

A instalação dessa Faculdade, de acordo com Onofre Lopes *apud* Lyra (1984, p.50), foi um trabalho muito grande, muito pesado, pois tinha que apresentar as instalações, equipamentos, biblioteca, professorado, recursos humanos.

Para que isso se realizasse, foi constituída, por orientação do Diretor da SAH, uma Comissão de Organização e Funcionamento da Faculdade de Medicina, composta pelos seguintes médicos: Luis Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima, Clovis Sarinho, Milton Ribeiro Dantas, João da Costa Machado e Heriberto Ferreira Bezerra.

Sobre os trâmites da referida Faculdade, em 07 de agosto de 1955, o Conselho Nacional de Ensino expediu parecer favorável e, em 22 de setembro desse mesmo ano, foi assinado pelo Presidente da República, João Café Filho, o Decreto nº 37.931, autorizando o seu funcionamento.

Esse acontecimento reacendeu a idéia de abertura da Escola de Enfermagem, pretendida desde o ano de 1934, reeditada com sua fundação em 20 de julho de 1950 e, até então, não autorizada a funcionar. Entendia-se que, para realizar o ensino da Medicina, se fazia necessário reestruturar o Hospital, e, nesse projeto, o preparo de Enfermagem era essencial. E assim aguardou-se pela autorização da Escola, até que, em 07 de dezembro de 1955, Abger Renault, Ministro da Educação e Cultura, da Presidência da República de Nereu de Oliveira Ramos, assinou a Portaria Ministerial nº 381, autorizando seu funcionamento.

Com a abertura da Faculdade de Medicina, Natal passa a dispor de cinco escolas de nível superior: Farmácia e Odontologia¹⁰, Serviço Social¹¹,

¹⁰ Fundada em 08 de janeiro de 1920, no Governo de Antônio José de Melo e Souza conforme Decreto nº 192. Em 1925 diplomou apenas dois alunos. No Governo seguinte (José Augusto Bezerra de Medeiros) foi desativada por motivos políticos, sendo reaberta em 03 de fevereiro de 1947, no Governo do Interventor Orestes da Rocha Lima, pelo Decreto Estadual nº 682. O desmembramento dessas faculdades ocorreu com a Lei Federal nº 3.849, de 18 de dezembro de 1960, após a federalização da Universidade do Rio Grande do Norte (MELO, 1991).

¹¹ Fundada em 02 de julho de 1945, pelo General de Brigada Antônio Fernandes Dantas, Governador do Estado, era custeada pela Juventude Feminina Católica. Em 15 de março, do corrente ano, Margarida Maria Souto Filgueira assume sua Direção (MELO, 1991).

Direito¹², e Filosofia¹³, detalhe este que favoreceu, poucos anos depois, a criação da Universidade.

E assim foi criada a Universidade do Rio Grande do Norte, em 25 de julho de 1958, através da Lei Estadual nº 2.307, sancionada por Dinarte de Medeiros Mariz, Governador do Estado. Segundo Onofre Lopes *apud* LYRA (1984, p.55), ocorreu no salão nobre do Palácio do Governo, contando com a presença dos Presidentes dos Tribunais Eleitoral e de Justiça, Presidente da Assembléia e diretores das Faculdades, professores e autoridades militares.

Oficialmente fundada, o Conselho Nacional de Ensino, em 07 de agosto, expede parecer favorável à criação da Universidade do Rio Grande do Norte e, em 26 de dezembro de 1958, através do Decreto Federal nº 45.116, é concedido o *status* de Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.

A partir desse acontecimento, os diretores das Faculdades Otto Guerra (Direito), José Cavalcanti Melo (Farmácia e Odontologia), Edgar Barbosa (Filosofia), Maria Margarida da Filgueira (Serviço Social) e Onofre Lopes (Medicina), grupo responsável pelo projeto de criação da Universidade, passaram a compor o Conselho Universitário.

Coube, porém, ao Governador do Estado, Dinarte de Medeiros Mariz, a escolha de Onofre Lopes da Silva para Reitor da Universidade, de uma lista tríplice enviada pelo Conselho Universitário. Nela constavam os nomes de Edgar Barbosa, professor, e de Paulo Pinheiro Viveiros, advogado. A

¹² Foi criada em 15 de agosto de 1949, no governo de José Augusto Varela, conforme Lei Estadual nº 149. O desembargador Miguel Seabra Fagundes foi seu primeiro Diretor (MELO, 1991).

¹³ Criada em 12 de março de 1955, era mantida pela Associação de Professores do Rio Grande do Norte (MELO, 1991).

respeito do Reitorado de Onofre Lopes, este se prolongou por treze anos, de 1958 a 1971.

A federalização da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte se concretizou dois anos mais tarde, ainda no governo de Dinarte de Medeiros Mariz, tendo Juscelino Kubitschek de Oliveira na Presidência da República. Ficou oficializada com a aprovação da Lei nº 3.849, de 18 de dezembro de 1960, publicada no Diário Oficial da União, de 21 de dezembro do mesmo ano.

Diante dessa nova situação, qual seja, a federalização da Universidade, a SAH realizou no dia 21 de dezembro de 1960, às 20 horas, nas dependências do Hospital “Miguel Couto”, a 30ª Sessão Extraordinária, para tratar, entre outros assuntos _ conforme a Ata da reunião _ da aprovação da transferência de todo o seu patrimônio para o Governo Federal.

Sobre esse acontecimento, durante a realização da sessão e como membro da SAH, assim se pronunciou Cascudo:

Sou inteiramente favorável e solidário com as providências tomadas pela SAH para a transferência do seu patrimônio ao Governo Federal (...) sem deixar de ressaltar a emoção com que fazia face das profundas ligações sentimentais que o estreitavam, não só ao fundador da Instituição, Dr Januário Cicco, mas ao seu continuador, Dr Onofre Lopes.

Assim sendo, o Hospital “Miguel Couto”, já vinculado ao sistema de ensino, tem seu nome alterado, após a federalização, para Hospital das Clínicas, denominação comum aos Hospitais Universitários na época. Isso veio assegurar, conforme orientações do Ministério da Educação, também, as funções de pesquisa e extensão, ampliando assim suas atribuições.

Com a federalização da Universidade, o Hospital das Clínicas amplia-se em diferentes serviços, atendendo às exigências do ensino dos

diferentes cursos da área de saúde. A essa altura, conta com estudantes de Medicina, Farmácia e alunos da Escola de Auxiliares de Enfermagem.

Em homenagem a Onofre Lopes da Silva, por ocasião de sua morte, considerando-se ter sido o primeiro Reitor da Universidade, o Conselho Universitário (CONSUNI) da UFRN, por meio da aprovação da Resolução 68, de 1º de novembro de 1984, aprova a mudança do nome do Hospital das Clínicas para Hospital Universitário “Onofre Lopes” (HUOL).

O HUOL, enquanto instituição de saúde pública de âmbito federal e vinculada ao Ministério da Saúde, funciona como hospital escola e centro de pesquisas científicas nas diversas áreas do conhecimento da saúde. Está vinculado ao Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFRN, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa, extensão e assistência à população, destacando-se como centro de referência para todo o Rio Grande do Norte.

No que toca ao ensino de Pós-Graduação, modalidade Residência, o referido Hospital mantém um programa destinado à Medicina, em funcionamento desde 22 de dezembro de 1977, conforme Resolução nº 154, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE). Inicialmente oferecia apenas Cirurgia Geral como especialidade e hoje conta com doze especialidades, conforme já mencionado na introdução deste estudo.

Estes Programas encontram-se vinculados à Diretoria de Pós-Graduação da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRN, estando respaldados pela Resolução nº 04/2003 do CONSEPE e atendem às exigências da Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM).

Em linhas gerais, a formação de especialistas tem como característica a duração mínima de dois anos de forma prática e intensiva, e

como objetivos o aprimoramento de habilidades técnicas e a integração multiprofissional.

No âmbito da assistência, o Hospital Universitário “Onofre Lopes” integra-se ao SUS, prestando serviços médico-hospitalares à população do Estado, incluindo desde o serviço ambulatorial ao de maior complexidade.

Nos dias atuais, juntamente com as demais unidades hospitalares da UFRN, Maternidade Escola “Januário Cicco” (MEJC), Hospital de Pediatria Professor “Heriberto Bezerra”, ambos situados em Natal, e Hospital Universitário “Ana Bezerra”

(HUAB), no município de Santa Cruz, região do Trairí, compõem o Complexo de Atenção à Saúde (CAS). Integram-se também a este, a Unidade de Medicina Comunitária, o Núcleo de Hematologia e Hemoterapia, o Serviço de Odontologia, o Serviço de Anatomia Patológica e a Unidade de Fisioterapia.

O Complexo fora criado pelo CONSUNI, através da Resolução nº 04/2000, na gestão do Reitor Ótom Anselmo de Oliveira (1999 – 2003) e representou a reestruturação dos serviços de saúde da UFRN, no que diz respeito à assistência, ao ensino e à pesquisa nos vários cursos de graduação e pós-graduação.

Este Complexo, com direção colegiada, está vinculado à Reitoria e é composto por um Conselho Consultivo que inclui vários representantes de segmentos CCS da UFRN, de representantes das Secretarias Municipal e Estadual de Saúde e pelas Unidades Assistenciais.

Hospital Universitário “Onofre Lopes” (2005)

Segundo o Art. 3º da citada Resolução, a coordenação assistencial e administrativa, a articulação do Complexo com o SUS e a integração com o ensino, pesquisa e extensão, constituem-se como atribuições do CAS.

Em 13 de dezembro de 2002, o CONSUNI, através da Resolução nº 15, aprovou nova denominação do Complexo de Atenção à Saúde passando então a ser chamado de Complexo Hospitalar e de Saúde (CHS).

Percebe-se, portanto, no transcorrer da história do Hospital, uma atuação diferenciada. Inicialmente de cunho assistencialista, atendendo à população de Natal e do Estado do Rio Grande do Norte, aos poucos vai mudando seu perfil, passando a constituir-se em espaço, por excelência, para o ensino.

Vale ressaltar que, nessa trajetória, a primeira experiência de ensino nas dependências do Hospital ocorreu com os alunos da Escola de Auxiliares de Enfermagem, em 1956, quando era mantida pela SAH. A partir de então, outros cursos foram sendo criados, utilizando o mesmo espaço para suas aulas práticas. Além disso, o Hospital representa, hoje, um importante centro de pesquisa para os profissionais e estudantes dos cursos da área da saúde, prioritariamente.

O precioso da História é a documentação para o futuro e não o juízo decisivo e peremptório. Todos os contemporâneos, para o bem e para o mal, são testemunhas de vistas, indispensáveis e ricas de notícias. Testemunhas e não juízes ou advogados. Todos testemunhas. O futuro estudará, confrontará e dará sentença.

Luiz da Câmara Cascudo

4 A ENFERMAGEM CONTADA POR QUEM VIVEU

Este capítulo contém a essência do estudo ora apresentado. Para sua construção, foi necessário realizar consultas a documentos e a trabalhos acadêmicos, bem como tornou-se indispensável a realização de entrevistas com pessoas que viveram essa história ou que dela têm vivas informações.

Inicialmente, faz-se importante assinalar que, para registrar a história da Enfermagem do HUOL e sua evolução, elegeu-se a formação em Enfermagem como a referência norteadora da pesquisa. Deve-se dizer, inclusive, que foi nas dependências do referido Hospital que ocorreram as primeiras experiências com o ensino de Enfermagem no Estado do Rio Grande do Norte

Na seqüência, optou-se por dividir o referido capítulo em três partes para melhor exposição do assunto. A primeira delas, intitulada “A história da Enfermagem e o HUOL”, diz respeito ao período anterior à formação de seus profissionais, ou seja, compreende o período pré-profissional. As duas partes seguintes, tratam da institucionalização de seu ensino, a saber: funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, do Curso de Graduação em Enfermagem e do Programa de Pós-graduação em Enfermagem, em 1955, 1973 e 1996, respectivamente.

4.1 A História da Enfermagem e o HUOL

A origem da Enfermagem está associada ao cuidado materno prestado aos filhos pequenos. De acordo com essa concepção, o cuidado existe desde sempre, ou seja, mantém-se presente por toda a existência humana e tem estreita relação com a evolução da humanidade, pois ele se faz necessário à continuidade e sobrevivência da espécie.

No que diz respeito às primeiras iniciativas de organização da Enfermagem, estas datam da Idade Média (séculos V a XV). Sobre este assunto, Teodósio (1990) afirma que essa organização se deu através dos diáconos e diaconisas que, impregnados pelos ideais de fraternidade, caridade e auto-sacrifício, participavam do atendimento ao pobre.

Ainda sobre a Enfermagem dessa fase, a autora, ora citada, refere que o Movimento das Cruzadas, ocorrido na Europa nos séculos XI e XII, também contribuiu para a sua organização e estruturação, visto que estas expedições militares/religiosas criaram alguns hospitais como instituição de caridade. Prossegue afirmando que, para o desempenho das funções, exigiam-se apenas habilidades manuais adquiridas através de treinamentos ministrados sob a responsabilidade de instituições religiosas.

A respeito desses hospitais medievais, Rosen (1979, p. 354) faz a seguinte observação:

O Hospital quando emergiu da época medieval era essencialmente um instrumento da sociedade para minorar o sofrimento, diminuir a pobreza, erradicar a mendicância e ajudar a manter a ordem pública. (...) É uma combinação de instituição para tratar dos doentes, um asilo de velhos, um asilo de pobres, um orfanato, possivelmente uma hospedaria.

No Brasil, tomando-se como referência o período colonial (séculos XVI a XIX), os primeiros a se ocuparem dos cuidados aos doentes em suas próprias tribos foram os pajés, mas com a colonização essas responsabilidades foram assumidas por jesuítas, religiosas, voluntários leigos e escravos (GERMANO, 1993).

Referindo-se ao mesmo período, Paixão (1979) relata que os portugueses trouxeram padres, cuja missão consistia na catequese dos índios para facilitar a dominação por meio da introdução de novos valores e costumes. Continua afirmando que também foi da responsabilidade desses missionários a fundação, direção, supervisão e manutenção da assistência aos pacientes nas Santas Casas de Misericórdia.

À época, a cura das enfermidades se dava através da religiosidade, ritos de magia e conhecimentos fitoterápicos, requerendo do curador preparo, aprendizagem de ritos e fórmulas complexas, restritas a um círculo bitolado de iniciados (SILVA, 1986).

As doenças, nesse período, eram concebidas como consequência da vontade divina, ou seja, tinham uma explicação sobrenatural, pois contrair doenças significava ser castigado pelos pecados cometidos. Por este motivo, o trabalho de assistência aos enfermos era visto como uma prática de caridade e de solidariedade, desprovido de qualquer interesse financeiro. Objetivava-se com a assistência cuidar dos corpos para a salvação de suas almas. A terapêutica, no dizer de Teodósio (1990), constava da utilização de chás, unguentos, purgantes e eméticos, bem como de sacrifícios para afastar os maus espíritos.

Nesse tempo, o trabalho da Enfermagem era desenvolvido por religiosos e tinha caráter caritativo como forma de expiação de seus pecados e salvação da alma do doente. Assim sendo, a Enfermagem assumia caráter religioso, no qual era perceptível o culto à misticidade da doença e fundamentava-se em princípios como amor, fraternidade, caridade e serviço ao próximo.

Conforme já referido, durante o período colonial brasileiro foram fundadas as Santas Casas de Misericórdia. Sobre elas, sabe-se que tinham caráter meramente assistencial e se destinavam ao acolhimento dos pobres, órfãos, doentes diversos, excetuando-se os leprosos, para os quais havia lazaretos. Em algumas situações, também atendia a soldados. A primeira delas a ser fundada foi a de Santos/SP, em 1543, sendo seguida pela do Rio de Janeiro/RJ, Vitória/ES, Olinda/PE e Ilhéus/BA (GERMANO, 1993).

A respeito da estruturação e funcionamento dessas Santas Casas de Misericórdias, Santos Filho (1977, p.242) assim as descreveu:

Um edifício de taipa, de um só andar, com salas para enfermarias de homens e mulheres, alguns quartos para dois leitos e pequenos compartimentos para a direção, a recepção _ ou “sala dos bancos”, com alguns bancos de madeira _ dormitório dos empregados, cozinha e botica, quando havia. Uma capela ou uma igreja, em anexo. Não existiam a sala de cirurgia e a de curativos. Pouca ou nenhuma higiene. Penúria de medicamentos, de instrumental, de rouparia e de alimentos. A direção estava entregue a leigos, o provedor, os mordomos e os encarregados dos serviços internos e da enfermagem, praticada esta por escravos ou por indivíduos de baixo nível social.

Quanto à Enfermagem desse período, Germano (1993) reforça ser essencialmente prática e que para exercê-la não havia exigências quanto à escolaridade. Em geral, seus exercentes eram analfabetos. A dificuldade de

divulgação de conhecimentos científicos também simplificava excessivamente as exigências para o desempenho das funções do enfermeiro, acrescenta Paixão (1979).

Sobre essa realidade, Santos Filho (1977, p 344) complementa que uma vez contratada para assistir a um doente, qualquer pessoa, homem ou mulher, adquiria prática e daí por diante, por presunção, firmava reputação de entendida em Enfermagem.

Nesse tempo, pela falta de literatura específica, eram corriqueiras as consultas a livros trazidos de Portugal sobre medicina popular e Enfermagem caseira. Como exemplo dessa situação, Germano (1993) cita o Guia do Enfermeiro, escrito em 1783 por Francisco Morato Roma, de edição portuguesa, como um dos mais consultados por aqueles que prestavam cuidados aos doentes.

Essa fase da Enfermagem praticada por leigos, desprovida de conhecimentos formais, baseada em práticas empíricas, cercada de rituais e que concebe a doença como sendo um castigo dos deuses aos desobedientes, é considerada como sendo pré-profissional. Dentro desse período, um momento pode ser destacado como crítico, pois, com a Reforma Luterana ocorrida na Europa do século XVI as religiosas foram banidas dos hospitais e substituídas por mulheres de qualificação moral duvidosa, que prestavam cuidados aos enfermos em troca de baixa remuneração. Com esse acontecimento, os hospitais perderam sua principal característica, o cuidado caritativo e passaram a ser vistos como locais de morte para os desassistidos.

A Enfermagem pré-profissional perdurou até o século XIX, quando, na Inglaterra, Florence Nightingale¹⁴, na intenção de tornar a profissão honrosa, fundou no Hospital São Tomás, em Londres, uma escola para enfermeiros, em 09 de julho de 1860 com donativos recebidos do povo e do governo britânico, em reconhecimento ao seu trabalho.

Segundo Lunardi Filho (1997), Florence Nightingale se destacou por sua capacidade de administração organizacional, além dos conhecimentos sobre higiene, nutrição, meio ambiente, privacidade e lazer dos que estavam sob os seus cuidados.

Sobre a escola fundada por Florence, sabe-se que se destinava a serviços hospitalares, domiciliares e de ensino. Diferenciava-se quanto a sua orientação e organização, pois, obrigatoriamente, deveria ser dirigida por enfermeiras. O ensino se fundamentava em anatomia, química, filosofia, abreviações latinas e técnicas. As alunas eram selecionadas sobre o ponto de vista moral, físico, intelectual e de aptidões. Também era critério serem jovens, educadas e cultas. Centrava-se na formação de dois tipos de profissionais: *nurses*, menos favorecidas, tinham seus estudos financiados pela Fundação Nightingale e destinavam-se aos serviços práticos; e as *ladies-nurses*,

¹⁴ Filha do casal inglês William Edward Nightingale e Frances, nasceu em Florença (Itália), no dia 12 de maio de 1820. De classe social privilegiada, era bem educada, falava vários idiomas, gostava de matemática e, especialmente, de estatística. Desde criança demonstrava interesse em cuidar dos enfermos. Tornou-se conhecida como enfermeira por seu brilhante desempenho em hospitais militares de campo durante a Guerra da Criméia (1854-56), atual Romênia. Para isso recrutou e coordenou um grupo de trinta e oito mulheres (religiosas e leigas) para os serviços assistenciais e sanitários. Foi pioneira e renovadora ao fundar uma Escola destinada à formação de pessoal para os serviços de Enfermagem. "Notas sobre Hospitais" (1858) e "Notas sobre Enfermagem" (1859) são dois de seus livros mais conhecidos. Recebeu da Rainha Vitória, em 1883, por reconhecimento de seu trabalho, a Cruz Vermelha Real e, em 1907, foi homenageada, na condição de primeira mulher a receber a Ordem do Mérito, pelo Rei Edward VII. Faleceu em 13 de agosto de 1910, aos noventa anos de idade e encontra-se sepultada na Igreja de Santa Margarete, em East Wellow (Inglaterra) (PAIXÃO, 1979; SILVA, 1986; GERMANO, 1993).

socialmente privilegiadas, eram qualificadas para as atividades de supervisão e ensino, ocupando espaços de liderança.

Sobre esse tipo de formação, dividida em duas modalidades, Teodósio (1990, p. 93) afirma ser a discriminação de classes e a divisão técnica do trabalho, que originaram a separação entre o trabalho manual e intelectual (...) haja vista a distinção de dois tipos de alunas: a lady nurse e a nurse.

A importância maior da Escola de Enfermeiras fundada por Florence Nightingale consiste na substituição da prática empírica, ou seja, sem fundamentação teórica, por uma prática sistematizada e racional, alicerçada em conhecimento científico. Seguindo esses preceitos, a Enfermagem passa a ser denominada como Moderna ou Profissional.

No Brasil, a Enfermagem Moderna fora introduzida em 1922, quando, na cidade do Rio de Janeiro, o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) convidou e recebeu em caráter de convênio, assinado por seu diretor Carlos Chagas¹⁵, com o Serviço Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller, um grupo norte-americano de enfermeiras. Estas tinham como missão precípua a organização dos serviços sanitários que comprometiam a comercialização de minérios e produtos agrícolas nacionais. Entre outros feitos,

¹⁵ Carlos Justiniano Ribeiro Chagas nasceu em 09 de julho de 1879, na cidade de Oliveira, Estado de Minas Gerais. Formou-se em Medicina, foi sanitarista, cientista e professor universitário. Ganhou notoriedade nacional com a criação do método de combate antimalárico. Descobriu o *Trypanossoma cruzi*, agente causador da Doença de Chagas, que lhe rendeu o recebimento do prêmio SCHAUDINN do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo (Alemanha). Foi diretor do Instituto de Manguinhos (RJ). Entre outros feitos combateu a gripe espanhola do Rio de Janeiro, elaborou um novo Código para Saúde Pública, criou e dirigiu o Departamento Nacional de Saúde Pública, combateu endemias rurais, moléstias como: hanseníase, tuberculose, doenças venéreas, e foi responsável pela criação da Escola de Enfermeiras do DNSP e era representante do Brasil no Comitê de Higiene da Liga das Noções (<http://www.vertentes.com.br/chagas/esq.htm>).

essas enfermeiras foram responsáveis pela fundação e funcionamento da Escola de Enfermeiras do DNSP.

Esta escola foi fundada através do Decreto nº 15.799, de 10 de novembro de 1922, e iniciou suas atividades em 19 de fevereiro de 1923. Em 31 de março de 1926, pelo Decreto nº 20.109, assinado por Getúlio Dornelles Vargas, então Presidente da República, passou a se denominar Escola de Enfermagem D. Ana Néri¹⁶, bem como foi considerada escola oficial padrão, transformando-se em referência para todo o ensino de Enfermagem no país. Segundo Germano (1993), funcionava em espaço anexo ao Hospital daquele Departamento. Atualmente encontra-se vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A vinda dessas enfermeiras é considerada por Silva (1986) como sendo um marco de extrema importância, pois, anteriormente a este acontecimento, esse ofício estava sob a responsabilidade de leigos e a mercê do empirismo.

Sobre escolas profissionais de enfermeiros no país, é importante registrar que outras iniciativas antecederam à fundação da Ana Neri, a saber: Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospital Nacional de Alienados (1890), no Rio de Janeiro, posteriormente chamada de Escola de Enfermeiros do Serviço Nacional de Doenças Mentais, atualmente denominada de Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e pertencente à Universidade do Rio

¹⁶ Ana Justino Ferreira Néri, mais conhecida como Ana Néri, nasceu em 13 de dezembro de 1814, em Vila Paraguaçu (Bahia). Tornou-se famosa como voluntária da Guerra do Paraguai (1864-1870), na qual, por autorização do Presidente da Província, trabalhou voluntariamente como “enfermeira”. Viúva, mãe, tia e irmã de militares, atuou inicialmente cuidando de soldados no Hospital de Corrientes (Argentina). Permaneceu na guerra até o seu fim. No ano de 1870, foi condecorada com medalhas pelo Imperador Dom Pedro II de quem recebeu, como reconhecimento por seu trabalho prestado, uma pensão vitalícia. Ana Néri faleceu em 20 de maio de 1880, aos sessenta e cinco anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro (http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_SP?Barrs_Esolha/B_Ana_Neri.htm).

de Janeiro (UNI-RIO); Escola de Enfermagem no Hospital Evangélico (1901), em São Paulo, hoje Hospital Samaritano; e, a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha (1907) (PAIXÃO, 1979; SILVA, 1986; GERMANO, 1993).

Quanto ao funcionamento destas Escolas de Enfermagem, Teodósio (1990) acrescenta que eram os médicos os responsáveis não só pela direção, mas também pela administração do processo educacional e que a seleção dos conteúdos se dava em conformidade com as necessidades da prática médica. Por estes motivos, a Escola de Enfermeiras do DNSP, pioneira no ensino sistematizado de Enfermagem no Brasil, seguindo as orientações do sistema nightingaliano, nas palavras de Germano (1993), é reconhecida, pela maioria dos documentos, como sendo a primeira do país.

No que diz respeito ao Rio Grande do Norte, no início do século XX, especificamente em Natal, a Enfermagem do Hospital de Caridade “Jovino Barreto¹⁷” pautava-se, naturalmente, em conhecimento baseado na experiência, como ocorria nas demais instituições de saúde do Brasil. Sabe-se, por alguns estudos já realizados sobre este período, que eram as religiosas, Filhas de Sant’Ana, as responsáveis pela assistência aos doentes ali internados (TIMÓTEO, 1997; PINHEIRO, 2003; MENESES, 2005).

¹⁷ O Hospital de Caridade “Jovino Barreto” foi inaugurado no governo de Frederico Alberto de Albuquerque Maranhão, em 12 de setembro de 1909, conforme Decreto nº 205/09, passou a se denominar Hospital “Miguel Couto” em 1935 e no ano de 1960, com a federalização da Universidade do Rio Grande do Norte, recebe o nome de Hospital das Clínicas. No ano de 1984, após a morte de Dr. Onofre Lopes, o primeiro reitor da UFRN, o Hospital muda mais uma vez sua denominação, passando a ser intitulado Hospital Universitário “Onofre Lopes”.

Grupo de religiosas Filhas de Sant' Ana (1927).

Em entrevista realizada com um médico/professor/diretor do Hospital, por duas ocasiões, nos anos 50, e docente da Faculdade de Medicina desde sua criação, quando indagado sobre o serviço de Enfermagem, antes da fundação da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, afirmou que ***era desempenhada por qualquer pessoa*** e justifica as dificuldades enfrentadas em ***decorrência dos problemas financeiros da Instituição***.

Reforçando as palavras deste entrevistado, acrescenta uma ex-aluna da primeira turma da Escola de Auxiliares de Enfermagem (1956), hoje já aposentada: ***era muito difícil. Tudo era improvisado porque não tinha recursos. Então a gente fazia o que era possível. As religiosas também trabalhavam com o doente.***

A propósito, uma das irmãs Filhas de Sant'Ana entrevistada, falando sobre o Hospital daquela época, anos 50, assim se pronunciou: ***eu me lembro que eram muitos doentes que se internavam, às vezes não tinha nem cama para colocá-los.*** Esta religiosa se referia à carência de hospitais na cidade.

Comentando sobre as dificuldades, outra religiosa, da mesma congregação, referindo-se às dificuldades do Hospital revela: ***as coisas eram muito precárias. Por exemplo, nós lavávamos e consertávamos luvas já utilizadas para serem novamente usadas em outros procedimentos. Também desobstruíamos agulhas e fazíamos suas pontas.*** Estes depoimentos dão conta das precárias condições de trabalho da Enfermagem na época.

É importante assinalar que nesse período, conforme a mesma religiosa, as ***irmãs trabalhavam de dia e de noite. Apesar de não serem formadas, elas tinham prática de Enfermagem e adquiriam confiança dos médicos, trabalhando com muito amor, muita dedicação, com muito empenho, assim pouco tempo sobrava.***

Hospital de Caridade “Jovino Barreto” (enfermaria masculina).

Mesmo com a autorização do funcionamento da Escola de Auxiliares de Natal, ocorrida em 1955, com sua sede no próprio Hospital “Miguel Couto”, por muitos anos as irmãs continuaram integrando o corpo de Enfermagem daquela Instituição. O número reduzido de egressos da Escola era insuficiente para atender às demandas da Enfermagem em um hospital que expandia suas clínicas.

Em uma das entrevistas realizadas, um antigo funcionário, hoje Técnico em Enfermagem aposentado, admitido no Hospital ainda na década de 1950, na condição de Auxiliar de Serviços Gerais, assim se pronuncia quando solicitado a falar sobre as atividades desenvolvidas pelas irmãs na época de sua admissão:

Elas tinham funções administrativas e cada uma era responsável por um setor do Hospital... Tinha irmãs que ajudavam a trocar a roupa do paciente, a dar alimentação àqueles que não podiam se alimentar e [ajudavam] na aplicação de medicamentos. As irmãs também faziam isso, na época do Hospital “Miguel Couto”.

Prosseguindo acerca das atividades das religiosas, o mesmo entrevistado relata como se deu seu ingresso no corpo de Enfermagem:

No Hospital eram as irmãs que faziam todo o trabalho. Como eu sempre demonstrei interesse pela assistência, nas minhas horas de folga colaborava como voluntário nos cuidados aos pacientes. A irmã que trabalhava na enfermaria, certo dia me perguntou se eu gostaria de trabalhar no serviço de Enfermagem? Respondi que sim. Então fui treinado como atendente.

Situação semelhante a esta descrita, é o caso da ex-aluna já citada, que também, a partir de uma experiência como acompanhante de um paciente pós-cirurgiado, ***pela forma atenciosa e delicada como o tratava, chamou a atenção das irmãs (...) terminei por ser convidada a trabalhar no Hospital.***

Segundo o Técnico em Enfermagem,

as irmãs pesquisavam o trabalho dos funcionários da limpeza junto aos pacientes e então aquelas pessoas que se destacavam, que demonstravam interesse pela Enfermagem (...) eram posteriormente convidadas a fazerem um treinamento e a ingressar propriamente na assistência ao paciente.

Indagados acerca do conteúdo desse treinamento, realizado pelas irmãs, para ingressarem no serviço de Enfermagem, os dois entrevistados (a ex-aluna e o técnico) afirmam que constava de ensinamentos básicos, tais

como: **técnicas de injeção, curativos, verificação dos sinais vitais, banho no leito, mudança de decúbito, troca de roupas do paciente e de cama.**

Acrescentaram ainda que tudo isso se processava no espaço de três meses, com aulas teóricas e práticas e tinha como requisito saber ler e escrever. Disseram ainda que no decorrer do curso, também discutiam sobre o sentido da Enfermagem, o que ela significava.

Recebidas as orientações básicas, a aprendizagem continuava a ocorrer no próprio trabalho. **Tudo as freiras me explicavam e eu com aquela explicação já estava aprendendo (...) bote uma bolsa de água quente assim, explicava como devia ser feita a injeção,** afirmou a ex-aluna.

Em entrevista concedida por uma auxiliar de Enfermagem e atendente do Hospital “Miguel Couto”, por quase vinte anos, obteve-se o seguinte depoimento:

Comecei a trabalhar no Hospital “Miguel Couto” em 05 de janeiro de 1959. Eu não tinha experiência com esse negócio de Enfermagem. Eu entrei sem saber de nada, a Irmã Geralda Carvalho foi minha professora, me ensinou tudo: curativo, fazer injeção. Ela tinha a maior confiança em mim e os médicos também (...) passava o dia na enfermaria cuidando dos pacientes e à noite ia dormir. A gente não tinha folga, trabalhava o dia e a noite, das 6 da manhã às 6 da noite [e a colega] das 6 da noite às 6 da manhã.

Estas breves considerações, sobre a Enfermagem desse período, têm a intenção de suscitar reflexões de como ocorreu seu surgimento e entender melhor sua evolução.

A fase empírica da Enfermagem do HUOL ficou bem evidenciada nas falas dos entrevistados contidos neste espaço. Foi um longo período em que as religiosas eram responsáveis pela maioria dos serviços hospitalares,

dentre os quais a assistência de Enfermagem. Vê-se, conforme os relatos, que pessoas leigas eram admitidas para este fim, sendo às vezes trabalhadores do serviço de limpeza, que, ao demonstrarem gestos de solidariedade e afeto para com os doentes hospitalizados, eram convidados pelas religiosas a integrar a equipe. A partir de então, eram submetidos a um treinamento, tendo como exigência, nem sempre cumprida, saber ler e escrever.

Torna-se importante destacar que a institucionalização da Enfermagem Moderna no Brasil ocorreu em 1923, no Rio de Janeiro, e que muito lentamente se expandiu pelo país, haja vista a realidade do Rio Grande do Norte, cujo ensino, seguindo os preceitos de Florence Nightingale, só foi possível trinta e dois anos depois. Naquela ocasião, em 1955, foi autorizado o funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, em função da falta de pessoal qualificado para fundar uma escola de nível superior, conforme desejo da SAH.

Deve-se destacar que, mesmo com a criação da Escola de Auxiliares, a Enfermagem do HUOL, por muito tempo permaneceu sob a orientação das irmãs. Os egressos do curso nem sempre passavam a integrar à equipe do Hospital, pois muitos partiam para trabalhar em outros Estados do país, principalmente os da Região Sudeste, pelo atrativo financeiro, ou eram contratados por outros serviços.

O depoimento, a seguir, reforça esta afirmação: ***as pessoas encontravam mais vantagens lá fora. Por isso não ficavam aqui. Os honorários que eram oferecidos aqui eram pequenos*** (médico/professor/diretor).

Portanto, a fase pré-profissional ocorrida no mundo e no Brasil, conforme a literatura e trabalhos consultados, apresenta algumas coincidências com os primórdios do HUOL, a saber: despreparo dos exercentes da Enfermagem; presença das religiosas nos afazeres hospitalares e assistenciais; e disseminação da filosofia de amor ao próximo, dedicação e caridade, revestindo as atividades desenvolvidas com características de sacerdócio. Referindo-se a essas religiosas, foram as Irmãs Filhas Sant'Ana as pioneiras e responsáveis, durante décadas, pela administração interna do Hospital e pela assistência ao paciente.

4.2 A Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal e o Hospital

Do acordo selado entre o Governo do Estado e a SAH, em 30 de junho de 1927, no qual o Estado desoficializou suas atenções para com o Hospital de Caridade "Jovino Barreto", consta da intenção, conforme o Capítulo XVI, fazer funcionar, caso se disponha dos meios necessários, uma escola de enfermeiras e parteiras anexa à instituição.

Embora esse desejo correspondesse à necessidade de qualificar os funcionários do Hospital exercentes da Enfermagem, as dificuldades encontradas eram enormes; convém citar a inexistência de docentes, prédio próprio, laboratório, recursos didáticos, entre outras, impossibilitando o funcionamento dessa escola. Assim sendo, teve-se que aguardar por anos, até que estas deficiências fossem superadas.

Sobre a Enfermagem do Hospital, consta no relatório, referente ao ano de 1935, a seguinte informação: nove irmãs Filhas de Sant'Ana, um "enfermeiro" (José Lucas do Nascimento), duas "enfermeiras" (Generosa de

Souza e Maria de Jesus) e duas auxiliares de enfermagem (Joaninha Sales e Francisca Fernandes)¹⁸.

Nessa época (1935), a Enfermagem encontrava-se diretamente subordinada à administradora do Hospital, na pessoa da Irmã Superiora Plácida Possi, italiana, auxiliar imediata do diretor-médico.

Quanto à Escola de Enfermagem, sabe-se que foi criada através do Novo Regulamento do Hospital “Miguel Couto” de 1943, capítulo XXI, Artigo nº 156, porém seu funcionamento, pelos motivos já referidos, não se concretizou. É importante frisar que o ensino da Enfermagem Moderna no Brasil havia se instalado, na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1923, na Escola de Enfermagem do DNSP, há pouco mais de duas décadas. Também é relevante registrar que os egressos daquela Escola, nos primeiros anos, eram absorvidos pelo mercado local, não se deslocando para outras regiões do interior do Brasil.

Ainda sobre este Regulamento, o Capítulo VI, disposto em treze artigos, trata de questões pertinentes à Enfermagem, no qual são estabelecidos seus deveres e competências, entre eles: receber os doentes; administrar medicamentos; fazer curativos; vigiar enfermos para que permaneçam nos leitos; cumprir ordens de serviços e acompanhar o médico na visita às enfermarias. Assim, constituíam-se algumas dessas competências.

Essas relações hierárquicas dispostas nesse regulamento, no tocante à Enfermagem, coincidem com estudos realizados por Foucault (1979),

¹⁸ Vale assinalar que sobre estas pessoas, ora citadas, não foi encontrado qualquer documento referente às suas origens, local de nascimento ou mesmo alguns dados pessoais, diferentemente de outros personagens aludidos neste estudo. Pode-se perceber que em uma sociedade de classes, essa ausência de dados vem confirmar o lugar que cada pessoa ocupa na hierarquia social.

ao analisar os hospitais do século XVIII, quando descreveu em detalhes a conduta a ser seguida pela “enfermeira”, por ocasião da visita médica, demonstrando o caráter de subserviência deste profissional.

Ainda sobre a rigidez presente na Enfermagem, Santos Filho (1977) em seus estudos afirma que no regulamento da Santa Casa de Misericórdia de Campos/RJ, em princípios do século XIX, competia ao “enfermeiro” abrir e fechar as portas do hospital às exatas seis e dezoito horas, respectivamente; além disso, não podia receber qualquer defunto sem que este estivesse envolto em mortalha, ou depois das seis horas da tarde.

Continuando a apreciação do Novo Regulamento do Hospital, este também determinava a prática de Enfermagem como exclusiva e restrita às dependências da Instituição (Art. 44º); estabelecia, como obrigatória, a residência no Hospital (Art. 46º); meio dia de folga por semana (Art. 49º); e o regime de plantão das 19 às 07 horas (Art. 50º).

A ampliação das instalações e dos serviços do Hospital “Miguel Couto” era uma constante, e por isso, requeria-se de seus funcionários adequação aos novos tempos. E assim foi com o Serviço de Pronto-Socorro a cargo da SAH, criado pelo Governo do Estado através do Decreto nº 363, de 08 de fevereiro de 1945.

Assim sendo, o Capítulo V do Regulamento de Serviço Oficial de Pronto-Socorro exigia do “enfermeiro”, candidato a trabalhar neste setor hospitalar, a comprovação de habilidade expedida pelo diretor-médico (Art. 38º); subordinação ao cirurgião-chefe, ao diretor-médico e à Irmã Superiora (Art. 39º); e a ausência ou folga seria em conformidade com a determinação do cirurgião-chefe (Art. 41º).

E ainda auxiliar aos médicos; zelar por todo o material; receber roupas necessárias ao serviço, mediante assinatura de recibo; abastecer armários e caixas de socorro com medicamentos; dar baixa no material usado, apresentando comprovantes; acompanhar os médicos nos serviços externos; conduzir os acidentados à ambulância. Estes eram alguns dos deveres do “enfermeiro” (Art. 42º) do Serviço de Pronto-Socorro.

Todas estas normas regulamentadoras, que orientam o exercício da Enfermagem do Hospital daquele período, encontram-se em total consonância com o que diz Foucault (1979) sobre o poder da hierarquia do serviço médico em relação ao “enfermeiro” e demais auxiliares. Embora sua análise corresponda ao século XVIII, em outro contexto continua atualizada em pleno século XX.

Apesar disso, a idéia da criação de uma escola de Enfermagem passa a ser, cada vez mais, defendida pelos dirigentes da SAH, conforme se pode depreender das leituras de seus relatórios.

Portanto, em 20 de julho de 1950, às 10 horas, no Salão Nobre do Hospital “Miguel Couto”, foi fundada a Escola de Enfermagem da SAH. Na ocasião, a diretoria ficou assim constituída: Onofre Lopes (Diretor), Elita Silveira (Vice-diretora) e Irmã Teodolinda Amazonas (secretária). Também foi composto um Conselho Administrativo: Januário Cicco, Ernesto Fonseca, Otávio Varela, João Tinoco, Onofre Lopes (médicos), Nestor dos Santos Lima, Paulo Sobral (advogados), Elita Silveira (enfermeira), e pela religiosa, Irmã Belém.

A título de informação, essa década é marcada pelo retorno de Getúlio Dornelles Vargas à Presidência da República, pelo Partido Trabalhista

Brasileiro (PTB). Sua administração centrou-se na política econômica nacionalista, enfatizando o desenvolvimento da indústria de base, com restrição às importações e ao capital internacional. Havia também denúncias de corrupção e de pretensões de novo Golpe de Estado, semelhante ao de 1937. Em 24 de agosto de 1954, Getúlio Vargas matou-se com um tiro no peito. Assume, então, a Presidência da República, o potiguar, João Café Filho.

No Estado do Rio Grande do Norte, no ano de 1950, Dix-sept Rosado Maia, em disputa pelo Governo do Estado pela coligação entre o Partido Republicano (PR), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e Partido Social Progressista (PSP), venceu Manoel Varela, da União Democrática Nacional (UDN). Cinco meses após, o governo é assumido por Sylvio Piza Pedroza, devido a um acidente aéreo do qual foram vítimas fatais o governador, sua esposa e vários de seus assessores (TRINDADE; ALBUQUERQUE, 2001).

Na época, a cidade de Natal apresentava uma população de cento e três mil, duzentos e quinze habitantes, sendo 53,86 % constituída por mulheres e 46,13 %, por indivíduos do sexo masculino. Da população total, apenas quarenta e nove mil e trezentos e trinta e sete sabiam ler e escrever, ou seja, a população alfabetizada correspondia a apenas 47,80 % (IBGE, 1950). Isto posto, conclui-se quão precário era o contexto daquele período, dificultando, naturalmente, a realização de alguns projetos na área de educação, como, por exemplo, o funcionamento de uma escola de Enfermagem, embora estivesse oficialmente criada.

A propósito da enfermeira Elita Silveira, sabe-se apenas que esta desempenhou suas funções na Maternidade de Natal, hoje Maternidade Escola “Januário Cicco” (MEJC), enquanto aguardava o início das atividades da

Escola de Enfermagem. Vale fazer a ressalva que, mesmo sendo criada a Escola de Enfermagem e existindo a presença de uma enfermeira diplomada, a direção ficou a cargo de um médico. Esta decisão contrariava os preceitos da Enfermagem Moderna que defende a criação das escolas de Enfermagem sob a responsabilidade do enfermeiro, orientação esta que persiste até os dias atuais.

De todo modo, esse intento não se concretizou em virtude de a Escola não ter sido autorizada pelos órgãos oficiais competentes. A justificativa para tal parecer se deve à falta de infra-estrutura material e de pessoal docente.

Na tentativa de vencer as dificuldades e de fazer funcionar a Escola, Januário Cicco continuou insistindo com a idéia e enviou duas cartas, no ano de 1952, às principais autoridades da República, Presidente e Vice-presidente, respectivamente.

Ao Vice-presidente, João Café Filho, amigo e conterrâneo, assim se dirige:

Sobre este assunto [referindo-se à criação da Escola], informo que a Diretoria de Ensino Superior está criando dificuldades. Agora mesmo um fiscal esteve aqui e já está de posse de novo processo para a habilitação da nossa Sociedade e fazer funcionar a citada Escola. Apegam-se os burocratas a exigências sem nenhum valor, pretendem com isso dificultar a criação da Escola quando deveriam cooperar para maior difusões do ensino, dispensando exigências sem nenhum valor. Pedi para o fiscal do Governo não demorar a remessa dos novos documentos, porque a exigência maior é referente à sede própria, quando é impossível, do dia para a noite, construirmos um edifício. Instalei a Escola no Hospital Miguel Couto, sede provisória, em cujas instalações faremos muito mais do que se obtém nas atuais escolas do Brasil.

Em correspondência mais formal, dirige-se, igualmente, ao Presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas. Eis o teor de uma parte de sua correspondência:

De conformidade com a Lei nº 775, de 06 de agosto de 1949, que regulamenta os níveis de ensino da Enfermagem no Brasil, adverte que nenhum estabelecimento assistencial poderá funcionar sem enfermeiros técnicos, a partir de 1956; e considerando que o número dessas auxiliares diplomadas é sabidamente insuficiente às necessidades exigidas (...) venho solicitar a Vossa Senhoria a devida licença para o funcionamento da Escola de Enfermagem (...) o patrimônio da SAH e as receitas dos seus estabelecimentos, o Hospital "Miguel Couto" e a Maternidade Januário Cicco, acrescidas de auxílio dos Governos da União, Estado, Município, bastam para a manutenção da Escola (...) a nossa Sociedade dispõe de todas as instalações e acomodações necessárias ao curso de Enfermagem (...) o corpo docente de nossa Escola é composto de médicos e enfermeira titulada pela Escola Superior do País e o currículo dos seus professores é prova bastante para a segurança do cumprimento das disposições regulamentares.

A respeito das dificuldades já mencionadas em relação à autorização da Escola de Enfermagem, em entrevista concedida por uma enfermeira/professora/diretora da Escola na década de 70, têm-se o seguinte depoimento:

A SAH pretendia criar uma escola de Enfermagem, mas não havia condições. Veio uma supervisora do Rio de Janeiro, do Ministério da Saúde e sugeriu que ao invés de uma escola de Enfermagem fosse criada uma Escola de Auxiliares de Enfermagem.

Reforçando esses depoimentos, a também enfermeira/professora/diretora da Escola de Auxiliares de Enfermagem de

Natal, Lucimar Gomes de Freitas, em artigo publicado pela Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn) em 1962, assim registrou:

Em visita a Natal, a eminente enfermeira D. Izaura Barbosa Lima (...) fez a mesma relatório dos trabalhos de verificação para efeito de funcionamento, concluindo por motivos relacionados com a falta de recursos materiais e técnicos, não havia condições para um curso de Enfermagem.

Ainda que este relatório tenha causado descontentamento entre os dirigentes da SAH, serviu para estudos e observações posteriores que terminaram por sugerirem, junto ao Ministério de Educação e Cultura, autorização para fazer funcionar uma Escola de Auxiliares de Enfermagem. Mesmo não correspondendo aos anseios, a sugestão foi aceita.

Sobre a Lei nº 775, de 06 de agosto de 1949, já referida, assinada pelo General Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República, esta dispõe sobre o ensino de Enfermagem no país, como sendo em duas modalidades: Curso de Enfermagem e Curso de Auxiliar de Enfermagem.

No que diz respeito ao Curso de Enfermagem, esta Lei determinou a duração de trinta e seis meses, tendo o curso secundário como escolaridade mínima. Para o Curso de Auxiliar de Enfermagem, estabeleceu a duração de dezoito meses, sendo exigida a conclusão do curso primário, bem como o certificado de aprovação no exame de admissão ao primeiro ano do curso ginásial. A todos os candidatos, conforme o Art. 4º, exigia-se idade entre dezesseis e trinta e oito anos, atestados de sanidade física e mental, carteira de vacinação e atestado de idoneidade moral.

Os estabelecimentos de ensino nos quais funcionassem Cursos de Enfermagem, de acordo com essa Lei, ficariam sob a fiscalização do

Ministério da Educação e Saúde, a ser realizada por inspetores itinerantes diplomados em Enfermagem e subordinados à Diretoria de Ensino do referido órgão.

Sobre esta Lei, Medeiros (1994, p.40) assim avalia:

Com relação ao auxiliar de Enfermagem, é importante ressaltar que esta categoria profissional não surgiu por força da Lei, ela já existia. Os hospitais ministravam cursos com três meses de duração e as escolas especiais, anexas às de formação de enfermeiros, também, os ministravam com uma duração de dezoito meses.

E prossegue afirmando:

É importante observar, ainda, que a divisão parcelar do trabalho de Enfermagem tem sua origem com a Enfermagem Moderna na Inglaterra, na criação da primeira escola de enfermeiras por Florence e está atrelada à divisão técnica do trabalho imposta pela sociedade capitalista.

E assim, enquanto o sonho da Escola de Enfermagem de Natal não se concretizava, a assistência prestada ao paciente no Hospital “Miguel Couto”, no início dos anos 50, permanecia sob os cuidados de leigos e das Irmãs Filhas de Sant’Ana. A respeito dessas religiosas, o Serviço Interno do Hospital “Miguel Couto” de 1952 faz referência à existência de dezesseis religiosas lotadas em serviços diversos, a saber: Albina Vieira (Superiora), Teodolinda Amazonas (secretária), Natália Maia (farmacêutica), Vilma Vila (responsável pelo Pavilhão de Luxo), Delfina Lorena (Pavilhão de 1ª Classe), Damelina Amaral (responsável pelos internamentos), Inez Minelli (sala de operação), Donata (Pavilhões de 2ª e 3ª classes), Pierina Albuquerque (1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª enfermarias), Alessia Barbosa (6ª e 7ª enfermarias), Izaura Rego (8ª, 9ª, 10ª, 11ª, 12ª e 13ª enfermarias), Geralda Carvalho (14ª, 15ª e 16ª

enfermarias), Miquelina Cassioraghi (gabinetes de otorrinolaringologia, odontologia e portaria), Emerentina Montenegro (cozinha), Conceição Busatta (lavanderia) e Emerenciana Costa (sala de costura).

Desse modo, este quadro de distribuição das religiosas, nos diversos serviços do Hospital, demonstra quão efetiva era a participação das irmãs na vida da Instituição e, em particular, no gerenciamento da assistência de Enfermagem. De acordo com as atas e relatórios pesquisados não se tem nenhuma referência quanto à existência de enfermeira diplomada neste grupo.

De acordo com Santos Filho (1977, p. 344),

não houve nos três primeiros séculos [da história do Brasil] enfermeiras habilitadas legalmente. Eram todas práticas. Qualquer indivíduo que se ocupou de doentes e de feridos, a domicílio e nos hospitais, onde serviu nas enfermarias, foi chamado de “enfermeiro”. Acrescenta o autor que na expressão de frei Manoel Calado, eram pessoas além de caritativas, mui compassivas e maviotas, para acompanhar os enfermos, e os ajudar a bem morrer.

No Rio Grande do Norte, a criação de uma escola de Enfermagem foi um sonho almejado por muitos anos, como já referenciado anteriormente, precisamente desde a década de 30. No entanto, seu funcionamento só foi possível após convênio firmado entre a Divisão de Organização Hospitalar (DOH), a Campanha Nacional Contra a Tuberculose (CNCT) e a SAH, em 11 de maio de 1955. Este convênio se justificava pela necessidade de preparar pessoal técnico no Estado e para os diversos serviços hospitalares, ambulatorios de tuberculose e outros serviços de Saúde Pública.

Este acordo, renovável a cada dois anos, vigorou logo após sua assinatura. Coube à DOH a contribuição anual de Cr\$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil cruzeiros) para manutenção da Escola. A CNCT responsabilizou-

se pela disponibilização de pessoal (três enfermeiras, uma secretária e dois serventes para serviço gerais). Quanto à SAH, esta teria que dispor as instalações físicas, oferecer internato às alunas, além de toda assistência necessária, como também envio anual de relatório constando das atividades escolares às partes contratantes.

Firmado o convênio que lhe assegurava as condições físicas, materiais e de pessoal conforme já referido, faltava à Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal a devida autorização para seu funcionamento. Sobre esta espera, sabe-se que consistiu em aproximadamente cinco meses. Porém, a assinatura da Portaria Ministerial nº 381 de 07 de dezembro de 1955, pelo Ministro de Estado da Educação e Cultura, Abger Renault, na Presidência da República de Nereu de Oliveira Ramos, publicada no Diário Oficial do Distrito Federal, de 13 de dezembro de 1955, respaldou-lhe o funcionamento.

De acordo com o Artigo Único desta Portaria, “é concedida a autorização para o funcionamento do Curso de Auxiliar de Enfermagem da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, mantida pela Sociedade de Assistência Hospitalar e situada na capital do Rio Grande do Norte”.

Conforme já referido no capítulo que tratou sobre o Hospital, acredita-se que a fundação da Faculdade de Medicina veio impulsionar a autorização da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, Isto se evidencia, por exemplo, nas palavras de um médico/professor/diretor em entrevista para esta pesquisa:

Os médicos daquele tempo se preocupavam com isso [a qualidade da assistência]. Para eles foi uma coisa muito boa

a criação da Escola de Enfermagem (...) para todos nós. Antes da escola de Enfermagem era uma tragédia (...) uma tragédia. Não se podia viver, continuar daquele jeito. Pessoas sem a menor qualificação (...) eram umas amadoras, as que exerciam a Enfermagem eram pessoas amadoras, práticas.

A enfermeira Maria de Lourdes Lopes, natural do Rio Grande do Norte, esteve à frente dos trabalhos iniciais da Escola, ou seja, em sua organização, fazendo-a funcionar a partir de 1º de março de 1956, na função de primeira Diretora¹⁹. Nesse momento, diferentemente da diretoria constituída no ano de 1950 _ por ocasião da fundação oficial da Escola _ a direção ficou a cargo de uma enfermeira. Para tocar os trabalhos iniciais de funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, a CNCT, honrando o acordo firmado em 11 de maio de 1955, cedeu duas enfermeiras diplomadas (Nice Menezes de Oliveira e Geny Carvalho de Oliveira), uma secretária (Carmem Reis Maffioletti) e duas serventes (Maria Lourenço de Freitas e Maria de Lourdes Martins).

O grupo de enfermeiras diplomadas, pioneiras, ficou assim constituído: Maria de Lourdes Lopes, Soror Anna Amasilles Rocha, Nice Menezes de Oliveira e Geny Carvalho de Oliveira (FREITAS, 1962, p. 520).

Quanto à organização da Escola, sabe-se que seguia os critérios das demais instituições congêneres, no que se refere à seleção de candidatas: idade mínima de dezesseis anos, curso primário como escolaridade mínima, comprovação de sanidade física e mental, e aprovação nas provas de

¹⁹ Além da primeira Diretora Maria de Lourdes Lopes, assumiram a direção da Escola até sua transformação em Departamento de Enfermagem, com a criação do Curso de Graduação em 1973, as seguintes enfermeiras: Nice Menezes de Oliveira, Úrsula Engel, Maria Carmélia de Albuquerque, Lucimar Gomes de Freitas, Oscarina Saraiva Coelho e Leda de Melo Moraes. Vale destacar que em um espaço de cinco anos as direções variaram, quanto à sua permanência, entre três e nove meses de duração.

matemática, português, geografia e história do Brasil. Esta Escola funcionava em poucas salas nas dependências do Hospital “Miguel Couto”, no Pavilhão Santa Isabel, e dispunha de secretaria, diretoria, sala de aula e dormitório²⁰. Cumpria-se também o protocolo de preencher requerimento destinado ao Diretor da SAH solicitando autorização (anexo nº 02) para inscrição no curso.

No que diz respeito à rotina desta escola, segundo a ex-aluna da primeira turma, ***as aulas teóricas aconteciam no horário da tarde, das 14 às 17 horas, e os estágios (práticas), pela manhã.*** Continuou afirmando que ***as alunas vestiam um uniforme padronizado (vestido com avental, tênis e touca). Tudo financiado pela SAH.***

As atividades escolares eram informadas à Diretoria da SAH, através de relatórios anuais. Conforme o Relatório de 1957, havia dezessete alunas devidamente matriculadas e assim distribuídas: Classe de 1957 e Classe de 1958, com oito e nove alunas respectivamente. Nesta última turma, houve três desistências, ambas de Irmãs Filhas de Sant’Ana, devido à dificuldade de serem substituídas em seus afazeres da congregação. Das alunas restantes, dez eram internas e quatro semi-internas.

Com o propósito de expandir uma assistência de enfermagem qualificada a outros municípios do Estado, o Presidente da SAH e Diretor do Hospital “Miguel Couto”, Dr Onofre Lopes, encaminhava cartas a alguns prefeitos (anexo nº 03). Nestas, solicitava o envio de jovens para cursarem o auxiliar de Enfermagem, por cada uma receberia da Prefeitura uma bolsa mensal no valor de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) para garantir suas

²⁰ Naquela época, até os anos 60, as escolas de Enfermagem mantinham regime de internato para as alunas que se deslocavam do interior e, às vezes, abrigava alunas da própria cidade onde se encontrava instalado o ensino.

despesas na capital, e ao mesmo tempo, assumir o compromisso de retornar ao município de origem para prestar seus serviços.

Também consta, no respectivo Relatório, a comemoração da Páscoa, a institucionalização do “trote das calouras” como meio de estabelecer a boa amizade entre as turmas e ainda a referência ao Hospital “Miguel Couto” como principal campo de estágio.

Quanto ao Hospital, dados do Relatório da SAH de 1957, no tocante à Comunidade Filhas de Sant’Ana, informam a existência de quinze religiosas distribuídas em setores administrativos e assistenciais, num quadro semelhante àquele anteriormente mencionado no início dos anos 50.

Esse mesmo Relatório informa que a Escola de Auxiliares de Enfermagem, nesse período, tinha seu quadro docente formado pelas enfermeiras Maria de Lourdes Lopes (diretora), Nice Menezes de Oliveira e Ana Thereza de Jesus Freitas; todas compunham o quadro privativo. Além destas docentes, alguns médicos da SAH, entre eles Eudes Moura Caldas, Cleone Noronha, Genivaldo Barros, Hiram Diogo Fernandes, Heriberto Bezerra, Joaquim Luz, Olavo Montenegro, Fernando Fonseca, e a “nutricionista” Francisca da Silva Rocha formavam o quadro não privativo da Escola, em outras palavras, eram colaboradores.

É desse período a forma de divulgação do Edital de inscrições para novas turmas, por meio da imprensa falada e escrita, bem como o envio de cartas-circulares aos diretores de Estabelecimentos de Saúde e às Prefeituras Municipais do Estado, solicitando o envio de candidatas suas ao curso ou mesmo estimulando-as através da concessão de bolsa de estudo.

No início de 1958, conforme Relatório da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, foi publicado Edital de abertura de inscrição de candidatos à nova turma da Escola. O processo seletivo constou de trinta e quatro candidatas inscritas, sendo que apenas dezoito se submeteram à seleção, das quais, só treze obtiveram êxito. Dentre as selecionadas, havia duas com curso ginásial. Essa turma iniciou suas atividades em 10 de março e apresentava, como fato inédito, um aluno do sexo masculino que desistiu de imediato. Este fato não causa admiração, por ser a Enfermagem uma profissão com predominância de pessoas do sexo feminino, mesmo na atualidade.

O mencionado relatório registra também a ampliação dos campos de estágios em pediatria, ambulatório, pronto-socorro e desenvolvimento dos Programas Terapia Ocupacional e Educação Sanitária. Consta também a distribuição de bolsas de estudo no Serviço Nacional Contra a Tuberculose (SNCT), Instituto de Proteção e Assistência à Infância, e Serviço Cooperativo de Saúde.

Em 1959, conforme relatório, inscreveram-se cinqüenta e três candidatas, porém somente quarenta e quatro prestaram exames. Destas, apenas vinte e sete foram aprovadas. Pode-se deduzir, tomando como referência os anos de 1958 e 1959, quão rigoroso era o processo seletivo, nos quais eram submetidas as candidatas, nos primeiros anos de funcionamento da Escola, mesmo considerando a escassez desses profissionais.

A propósito, veja-se o que afirma o técnico em Enfermagem entrevistado:

A Escola de Enfermagem era muito restrita para Natal, não era voltada para a comunidade. A seleção era muito rigorosa, mas muito mesmo. Passou muitos anos sem ninguém saber que em Natal existia uma Escola de Auxiliares [referindo-se ao período que funcionava no Hospital]. ***E acrescenta: A Escola só começou a se expandir a partir do momento que se transferiu daqui*** [referindo-se a um prédio próprio, em frente ao hospital].

Além do rigor na seleção das candidatas, um outro entrevistado ressalta os critérios exigidos no próprio processo de ensino, dando conta, igualmente, de um certo rigor, embora o justifique em sua fala:

O cuidado que a Direção da escola tinha era de começar com boa qualidade, com preocupação com a qualidade do ensino. As exigências eram muito grandes para que ela [a Escola] ***adquirisse credibilidade e as pessoas passassem a acreditar que estava se fazendo ali, um bom trabalho*** (médico/professor/diretor).

Nesse período, o quadro privativo da Escola continuava contando com três enfermeiras, sendo Úrsula Engel, em substituição a Maria de Lourdes Lopes, como Diretora, Nice Menezes de Oliveira e Ana Thereza de Jesus Rocha, ambas ministravam aulas e acompanhavam as alunas nos estágios curriculares.

Quanto ao Hospital “Miguel Couto”, as sucessivas ampliações e expansão de serviços que lhe davam suporte, bem como o funcionamento da Faculdade de Medicina, da Escola de Auxiliares de Enfermagem e de vários cursos de graduação de outras áreas deram condições para a criação da Universidade do Rio Grande do Norte. Sua legalização se deu através da Lei Estadual nº 2.307, de 25 de junho de 1958, durante o governo de Dinarte Mariz.

Modificações também ocorreram na Escola no decorrer do ano de 1959. Primeiro a substituição da enfermeira Úrsula Engel, então Diretora, por Maria Carmélia de Albuquerque e depois o desligamento de Nice Menezes de Oliveira, mantida pelo SNCT, que, após concluir o Curso de Direito, optou por exercer a advocacia.

Em 12 de setembro de 1959, por ocasião da comemoração do cinqüentenário do Hospital “Miguel Couto”, foi organizada uma farta exposição com documentos e gráficos da vida hospitalar. Também fizeram parte dos festejos, a celebração de uma missa em ação de graças e a aposição de uma placa de bronze na entrada do Hospital. Naquela ocasião, Onofre Lopes, Diretor do Hospital e Presidente da SAH, em discurso, diante de uma distinta platéia que lotava o Salão Nobre da Instituição, ao se referir a Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, assim se pronunciou:

Festa do Cinqüentenário do Hospital “Miguel Couto”, em 1959 (Dr. Onofre Lopes em primeiro plano).

Está funcionando com regularidade, preparando moças não somente para os nossos serviços hospitalares, mas, para organizações diversas, casas de saúde, postos médicos e ambulatórios em todo o Estado. Temos contato com permanentes dificuldades no provimento de cadeiras, devido à falta de enfermeiras diplomadas que nos possam prestar os seus serviços no ensino. Também decorrente destas circunstâncias, tem havido certo retardamento no reconhecimento da Escola, que, entretanto, já se encontra na última fase no Ministério da Educação e Cultura. Deve ser registrado o trabalho de magnífica colaboração dos professores e alunas nos serviços hospitalares. O Serviço Especial de Saúde Pública continua a prestar valiosa ajuda na manutenção da Escola, fornecendo-nos enfermeiras diplomadas, além de prestimosa atuação noutros aspectos relacionados ao seu funcionamento.

Na oportunidade fez, igualmente, alusão à atual Diretora da escola, Maria Carmélia de Albuquerque, que, continuando o trabalho de suas antecessoras, manteve o espírito de organização, segurança e disciplina.

Torna-se importante ressaltar que a disciplina representou e continua representando um forte traço na formação da profissão e marca profundamente sua história.

Germano (1993, p. 121), estudando a ética, afirma que o estigma do autoritarismo e conservadorismo é tão marcante na Enfermagem que, muitas vezes, contribui para desestimular os alunos a prosseguirem sua formação.

Retomando a comemoração do cinquentenário do Hospital, faz-se importante citar que, entre outras falas, discursou a estudante do Curso de Auxiliar de Enfermagem Sebastiana Bezerra de Moura. A título de curiosidade, a referida estudante, depois, já na condição de auxiliar de Enfermagem da Instituição, teve sua identidade legalmente alterada, passando a ser chamada de Diana Bezerra de Moura, pelo fato de não gostar de seu nome.

Sobre as atividades desenvolvidas pela Escola, referentes ao exercício de 1959, o Relatório enviado à Diretoria da SAH afirma que, após publicação do Edital, aumenta consideravelmente o número de inscrições para a seleção. Houve também distribuição de bolsas pelo Serviço Cooperativo de Saúde, Prefeitura de Natal, Hospital Colônia e Prefeitura de Mamangüape. Ainda, nesse mesmo ano, foram recebidas colaborações em forma de estágios pelo Instituto de Proteção e Assistência à Infância, Centro de Saúde, e Clínica Pedagógica Heitor Carrilho.

A dificuldade de enfermeiras diplomadas para lecionar era minimizada com os médicos pertencentes à SAH, denominados de professores não privativos da Escola; eram eles: Ernani Cicco (Noções de Patologias Médicas), Hiram Diogo Fernandes (Noções de Patologias Cirúrgicas), Cleone Noronha (Microbiologia e Doenças Transmissíveis), Leide Moraes (Obstetrícia e Ginecologia), Heriberto Bezerra (Pediatria e Puericultura) e Eudes Moura (Ortopedia). Integravam-se, também, a este grupo, a “nutricionista” Francisca Silva Rocha (alimentos e preparos) e a professora Teresinha Soares de Brito. Esta, cedida pela Secretaria Estadual de Educação, era responsável pela formação geral das alunas, ministrando as disciplinas de: Português, Aritmética, Geografia e História do Brasil. Completavam o quadro de funcionários da Escola a secretária Carmem Reis Maffioletti e as serventes Maria de Lourdes Martins e Maria Lourenço de Freitas, ambas mantidas pela CNCT, já mencionadas.

Ainda sobre a Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, sabe-se que funcionava conforme autorização concedida desde dezembro de 1955, mas lhe faltava o reconhecimento por parte do Ministério da Educação e Cultura. Embora tenha sido solicitado desde 12 de maio de 1957, sua concessão foi por anos aguardada. Porém, em 17 de outubro de 1960, após a assinatura do Decreto Federal nº 49.120-A, por Clóvis Salgado da Gama, então ministro responsável por assuntos pertinentes à educação, a Escola foi devidamente reconhecida.

Esta comunicação foi feita por Sylvio Piza Pedroza ao Governador do Estado, Aluizio Alves, em telegrama que manifesta sua satisfação em

comunicar mais um benefício do chefe da nação ao Rio Grande do Norte (Tribuna do Norte, 22 de outubro de 1960).

Diante desse fato, a Escola pôde realizar a entrega dos certificados:

Ontem, às 08 horas, na Capela do Hospital “Miguel Couto”, foi celebrada uma missa em ação de graças (...) às 20 horas, no Salão de Honra da Escola Doméstica de Natal, em seção solene, realizou-se a cerimônia de entrega de certificados aos alunos da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal. O ato contou com a presença de um representante do Governo do Estado e teve como patrono o Magnífico Reitor da Universidade do Rio Grande do Norte, Dr Onofre Lopes e como paraninfo a Enfermeira Marina de Andrade Rezende²¹ (...) marcou o encerramento das solenidades comemorativas da 22ª Semana de Enfermagem (...) quarenta e sete diplomadas, das turmas de 1956 a 1960, receberam seus certificados, tendo a auxiliar de Enfermagem, Sebastiana Bezerra de Moura, como oradora da turma (Tribuna do Norte; 21 de maio e 1961).

Coincidentemente no mesmo ano em que a Escola obtém seu reconhecimento, a Universidade do Rio Grande do Norte é federalizada por meio da Lei Federal nº 3.842, de 18 de dezembro de 1960, passando a se denominar Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Esta notícia fora recebida com grande entusiasmo pela SAH, conforme os registros da Ata da 30ª Sessão Plenária Extraordinária da referida Instituição, na qual foi tratada a transferência do patrimônio da Sociedade para a União. Isto é perceptível nas palavras de Câmara Cascudo já referidas anteriormente no capítulo sobre o Hospital. Com a federalização, o Hospital “Miguel Couto” passa a se denominar Hospital das Clínicas.

²¹ Assistente técnica do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), editora da Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn) e Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN), à época.

Um acontecimento de grande relevância para a Enfermagem do Hospital das Clínicas, no início dos anos 60, diz respeito à mudança da administração do Serviço de Enfermagem, até então sob a responsabilidade das religiosas, que passa a ser exercida por uma enfermeira. Trata-se da nortio-grandense Nazaré Lira, recém-chegada de São Paulo, tendo concluído seu curso de graduação na USP. A mesma ficou por pouco tempo no cargo, tendo sido substituída pela enfermeiranda Lêda de Melo Moraes, que posteriormente se afastou para concluir seu curso em Recife/PE, conforme informou uma professora/diretora entrevistada.

Com a saída desta enfermeiranda, a chefia de Enfermagem do Hospital passou a ser exercida pela diretora da Escola de Auxiliares de Enfermagem, Lucimar Gomes de Freitas, que acumulou, a partir de então, dupla função: dirigir a Enfermagem do Hospital e a Escola.

Veja o que revela uma das entrevistadas para este estudo:

Com a chegada das enfermeiras, as coisas melhoraram muito. Passamos a trabalhar seis horas. O serviço melhorou. [Antes] as freiras comandavam a parte de Enfermagem, do hospital, porque não havia enfermeiras (auxiliar de Enfermagem).

Essa nova situação repercutiu significativamente na formação dos auxiliares, pois sendo a Diretora da Escola a dirigente, ou Chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital, como assim se denominava, facilitou a vida das duas Instituições.

Quanto à saída das religiosas do serviço de Enfermagem, deve-se registrar que estas permaneceram no Hospital por muitos anos, embora em outros serviços, tais como: portaria, setor de internamentos, copa e cozinha,

lavanderia e rouparia, entre outros. Acredita-se, com isso, que essa decisão institucional provavelmente tenha contribuído para uma transição menos traumática, considerando-se o longo período em que as mesmas estiveram à frente da administração da Enfermagem.

Vale assinalar que, entre a federalização da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, em 1960, e a incorporação da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal à mesma, conforme Resolução nº 02 de 09 de janeiro de 1964/CONSUNI, no que diz respeito à manutenção, **a Escola ficou sob a responsabilidade do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP)**, informou uma enfermeira/professora/diretora entrevistada.

A respeito da junção direção da Escola/Hospital, outro entrevistado assim se pronunciou:

Funcionava bem; porque você sabe que uma das coisas que mais dificultava a parte de estágio é porque não há boa aceitação dos alunos por parte dos funcionários. Na época assumia as duas coisas, tudo fluía bem melhor [em relação] ***à aceitação do aluno.***
(enfermeira/professora/diretora).

No dizer de outro entrevistado, uma enfermeira/professora, **a felicidade era essa, elas eram responsáveis pela teoria e pela prática**, referindo-se às enfermeiras do Hospital. Naquela ocasião, segundo a entrevistada, as enfermeiras, por este contratadas, ministravam aulas na Escola e acompanhavam alunos em campo de estágio, ou seja, na referida Instituição.

Como se pode perceber dos diversos depoimentos, a federalização da Universidade teve grandes desdobramentos para a Enfermagem do Hospital das Clínicas, na medida em que abriu espaços para a

qualificação de seu pessoal, considerando que a equipe de Enfermagem era constituída, na sua grande maioria, por atendentes.

Assim, revendo a Enfermagem do HUOL dos anos 70, pode-se afirmar que em muito se diferenciou daquela do início do século XX, ainda nos primórdios do Hospital de Caridade “Jovino Barreto”. A formação foi ocorrendo gradativamente e a Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal foi decisiva para muitas mudanças, conforme preconizavam seus idealizadores. Naturalmente, outras iniciativas no campo administrativo, bem como o próprio desenvolvimento técnico-científico concorreram para essa nova face da Enfermagem. Admitem duas enfermeiras/professoras entrevistadas para esta pesquisa que, a partir do momento no qual a direção da escola passa a exercer a chefia de Enfermagem do Hospital, há uma concentração de poder e que essa situação favoreceu o processo de capacitação dos atendentes de Enfermagem desta Instituição. Deve-se dizer que, até os anos 60, o corpo de Enfermagem do Hospital era formado, praticamente, por atendentes.

Com a promulgação da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixou as diretrizes e bases para o Ensino de 1º e 2º Graus, houve desdobramentos para a Enfermagem. Analisando seu ensino, sabe-se que esta Lei ocasionou um processo de renovação e, neste sentido, acelerou a profissionalização dos funcionários de nível médio, já em curso, em todo o Brasil.

Para a Enfermagem do Hospital Universitário “Onofre Lopes”, em particular, a referida Lei teve uma repercussão muito significativa, pois, os

atendentes que se afastavam parcialmente²² das atividades hospitalares por dois anos, enquanto cursavam o Auxiliar de Enfermagem, passaram a se ausentar por apenas onze meses, intensificando dessa forma, o processo de qualificação dos exercentes de Enfermagem.

Além desse aspecto, por demais importante para o preparo do quadro da Enfermagem do Hospital, a Lei nº 5.692/71 abriu possibilidades de complementação dos estudos àqueles que haviam concluído o curso de Auxiliar de Enfermagem habilitar-se para o Técnico em Enfermagem. Novamente, os primeiros a cursar a referida habilitação foram os auxiliares do Hospital e da Maternidade Escola “Januário Cicco”, justamente por terem seu trânsito facilitado dentro da própria Universidade. Exigia-se para essa complementação que o auxiliar de Enfermagem tivesse completado os estudos de 2º Grau, correspondente, hoje, ao ensino do nível médio.

Esse processo de qualificação, inicialmente ocorria mediante a revisão dos estudos, com a inclusão de duas novas disciplinas: Noções de Administração em Enfermagem e Psicologia Aplicada à Enfermagem. Posteriormente, essa possibilidade de qualificação foi ampliada quando passou a ser oferecida pela Coordenação de Ensino Supletivo das Secretarias de Educação, por meio da realização de exames referentes àquela habilitação.

Afora essas estratégias, a Escola continuava suas atividades com a formação do auxiliar de Enfermagem e abria uma nova frente de formação técnica, oferecendo, em nível de 2º Grau, a habilitação do Técnico em

²² Naquela ocasião, conforme as professoras entrevistadas, a chefia de Enfermagem garantia a redução da carga horária dos atendentes que se afastavam para a Escola de Auxiliares de Enfermagem.

Enfermagem, através de convênio firmado entre a UFRN e colégios públicos e privados, da cidade de Natal.

Percebe-se que, gradativamente, os atendentes foram sendo substituídos por auxiliares e técnicos de Enfermagem, tendo a Escola um papel fundamental nessa transformação.

Torna-se importante registrar que a trajetória da Escola não se deu de forma linear, no transcorrer da história. Quando surgiu o ensino de graduação de Enfermagem na UFRN, no ano de 1973, foram ocasionados sérios transtornos de ordem administrativa e pedagógica para a Escola de Auxiliares de Enfermagem. A criação do Departamento de Enfermagem tornou-se possível com a concessão da infra-estrutura, já disponível na Escola, como: salas de aula, laboratório, equipamentos, incluindo seu corpo docente. Contudo, a Escola de Auxiliares de Enfermagem continuou existindo, mas perdeu sua autonomia administrativa, ficando na dependência da chefia²³ do Departamento de Enfermagem.

Portanto, o final da década de 1970 e por toda a década de 1980, a Escola funcionou de forma precária, contando com a colaboração dos professores do Departamento de Enfermagem e de professores da Secretaria Estadual de Educação.

Cabe aqui, ainda, fazer um registro desse período, quando a professora Oscarina Saraiva Coelho assumiu a direção de Enfermagem do

²³ O Departamento tem por tradição regimental realizar eleições para um mandato de dois anos. Eis, por ordem, os nomes das chefes do Departamento de Enfermagem: Lêda de Melo Moraes, Oscarina Saraiva Coelho, Raimunda Medeiros Germano, Abigail Moura Rodrigues, Nadir Soares Vila Nova, Léa Tavares de Melo Arce. Águila, Rosana Lúcia Alves de Vilar, Francisca Valda da Silva, Mariluce Oliveira de Araújo, Francisca Nazaré Liberalino, Susana Maria Miranda Dantas, Sheila Saint-Clair da Silva Teodósio, Márcia Cerveira Abuana Osório e, atualmente, 2005, Hylarina Maria Montenegro Diniz Silva.

HUOL. Trata-se de um projeto intensivo de qualificação dos atendentes do Hospital para Auxiliar de Enfermagem. Sua realização foi possível graças à parceria com a Escola de Auxiliares de Enfermagem, formando no próprio Hospital três turmas consecutivas, integradas por atendentes da referida instituição e por outras, igualmente, interessadas.

Na década de 1990, com a criação do Conselho Nacional de Diretores das Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais (CONDETUF), a UFRN em 1996 solicitou a filiação do seu curso Técnico em Enfermagem ao referido Conselho. Sobre esse feito, duas enfermeiras/professoras/diretoras da Escola, em entrevistas concedidas para esta pesquisa informaram que, a tomada dessa iniciativa ocorreu durante a gestão da professora Francisca Valda da Silva, então chefe do Departamento de Enfermagem.

A partir dessa filiação, a Escola adquiriu autonomia, deixando de ser subordinada à estrutura do Departamento de Enfermagem. Respalhada pela Resolução nº 57, de 04 de setembro de 1997, do Conselho de Administração (CONSAD), deu-se início a sua reestruturação através da sua reorganização didático-pedagógica, autonomia financeira, formação do quadro de professores, elaboração de um regimento próprio, entre outros.

Naquela ocasião, a professora Francisca Nazaré Liberalino encontrava-se na chefia do Departamento de Enfermagem e prestou todo o apoio aos professores do curso técnico, nesse empreendimento. A direção da Escola, na oportunidade, estava sob a responsabilidade da professora Rejane Millions Viana Menezes, cedida pelo Departamento, em caráter provisório,

enquanto ocorria a transição, porém, a primeira diretora eleita foi a professora Cleide Oliveira Gomes.

Em 16 de setembro de 1999, em decorrência das modificações sofridas por força da LDB nº 9.394/96, a Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal passou a denominar-se Escola de Enfermagem de Natal, através da Resolução nº 064/CONSAD.

Do ponto de vista do local ocupado pela Escola, vale lembrar que do Pavilhão Santa Isabel, do antigo Hospital “Miguel Couto”, onde se instalara inicialmente, foi transferida para o terceiro andar do então denominado Hospital das Clínicas, conforme informações fornecidas pela enfermeira/professora/diretora e pelo médico/professor/diretor, em entrevista para esta pesquisa. Os mesmos acrescentaram que no ano de 1971, a Escola transfere-se novamente, desta vez indo ocupar uma antiga casa da Avenida Nilo Peçanha, nº 619, que pertencera à família Pedroza e que fora comprada por Onofre Lopes, quando Presidente da SAH. Por último, transfere-se definitivamente, em 12 de abril de 2004, para um prédio próprio, situado no Complexo de Enfermagem, no Campus Universitário.

Casa da Avenida Nilo Peçanha, nº 619 (construção do início do século XX).

Todas essas transformações decorridas ao longo de mais de quarenta anos, no ensino da Enfermagem, cujo marco inicial ocorreu nas dependências do Hospital “Miguel Couto”, repercutiram decisivamente na trajetória de construção e aprimoramento da Enfermagem do Hospital Universitário “Onofre Lopes”, conforme se pode depreender de todas os relatos aqui contidos, além de documentação comprobatória dessa história. Na seqüência, deste capítulo, serão focalizados o ensino de graduação em Enfermagem e os desdobramentos na renovação dessa categoria no quadro do HUOL.

Complexo de Enfermagem – UFRN (2005)

4.3 O ensino superior em Enfermagem na UFRN e o HUOL

A criação do ensino de graduação em Enfermagem, no início da década de 70, coincide com a reestruturação da UFRN, no que diz respeito à sua estrutura organizacional, acadêmica e administrativa, em decorrência da Lei nº 5.540/68 da Reforma Universitária.

A título de informação, este período, anos 1970, foi marcado por algumas realizações, tais como: criação da TV Universitária, início da implantação do Campus Universitário, concurso para professores, criação do

Museu Câmara Cascudo, implantação do Núcleo Avançado de Caicó, criação de Pró-Reitorias, entre outros.

Essa fase é marcada por uma intensa repressão política, inclusive no âmbito das Universidades, malgrado esse contexto, auge do regime militar, representou um momento de renovação e expansão para a Enfermagem do Rio Grande do Norte, em consequência das políticas educacionais resultantes da Reforma Universitária.

No ano de 1972, ocorre a chegada a Natal do navio-hospital HOPE, cujo objetivo era o ensino e a atualização dos profissionais da área biomédica e atividades assistenciais à população. Sua vinda e permanência, por quase dezoito meses, tornou-se possível após a assinatura de convênio entre a UFRN e o citado serviço, mediante intermediação do Estado norte-americano do Mayne. Este convênio propiciou intercâmbio entre os profissionais do navio e do Hospital, como também de profissionais de saúde do Estado.

A respeito dos trabalhos desenvolvidos pela Enfermagem, estes ficaram sob os cuidados da enfermeira e professora Guiomar Pereira Barreto e para desenvolvê-los foi adotado o sistema de contrapartes, ou seja, estabeleceu-se intercâmbio em forma de um rodízio entre enfermeiros do Hospital e do navio.

Outro benefício para o serviço de Enfermagem do Hospital decorre da permanência de cinco enfermeiras, até o ano de 1977, após a partida do navio. Sobre as mesmas, sabe-se que contribuíram para a discussão e organização do projeto de criação do Curso de Enfermagem e que atuaram no mesmo na condição de professoras visitantes.

Retornando às transformações e feitos da época, do ponto de vista acadêmico, a fusão das faculdades, escolas e institutos em centros e departamentos modificou a estrutura universitária. Sobre esses centros, foram criados cinco, a saber: Centro de Ciências Letras e Artes (CCHLA), Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), Centro de Ciências da Saúde (CCS), Centro de Tecnologia (CT) e Centro de Biociências, de conformidade com o plano de reestruturação da Universidade _ Decreto nº 74.211/MEC, de 24 de junho de 1974.

Acerca deste período, reitorado do professor Genário Alves da Fonseca (1971-75), é importante destacar que foram criados novos cursos de graduação, entre eles o de Enfermagem, através da Resolução nº 53/CONSUNI, de 13 de agosto de 1973. Esta mesma Resolução criou, também, os seguintes cursos: Arquitetura, Engenharia Química, Estatística, e Educação Física.

Faz-se oportuno informar que na ocasião ainda não havia sido criado o Departamento de Enfermagem e quem assumiu a liderança dos trabalhos, em relação à criação do Curso de Enfermagem, foi a então diretora da Escola de Auxiliares de Enfermagem, a professora Lêda de Melo Moraes.

Dando andamento aos atos administrativos relacionados à organização dos novos cursos, a UFRN, em 04 de outubro de 1973, criou o Departamento de Enfermagem, conforme Resolução nº 78/CONSUNI. Para a chefia do Departamento foi designada a professora Lêda de Melo Moraes que assumia, na ocasião, a direção da Escola de Auxiliares de Enfermagem. Com

ela, todas as professoras²⁴ do quadro da Escola passaram a exercer suas atividades no Departamento de Enfermagem. Fez-se necessário a reunião de esforços para dar encaminhamento às exigências necessárias ao funcionamento do ensino de graduação em Enfermagem, recém-criado, sem descuidar, contudo, do ensino profissional.

De conformidade com Timóteo (1997), para a organização curricular, os professores do Departamento contaram com a assessoria da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), Escola de Enfermagem “Ana Néri” (UFRJ) e da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Além do Parecer nº 163/72 e Resolução nº 04/72, ambos do MEC, que regulamentavam o currículo mínimo do Curso de Enfermagem, à época.

Torna-se importante citar novamente que, com a criação do Departamento de Enfermagem, a Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal continuou funcionando no mesmo espaço físico de antes, ou seja, um único prédio abrigando os diferentes níveis do ensino de Enfermagem.

Com a implantação do Curso de Enfermagem, outras providências foram, igualmente, tomadas. Após a indicação da professora Lêda de Melo Moraes para a chefia do Departamento de Enfermagem, em fevereiro de 1974, a professora Raimunda Medeiros Germano foi eleita para a vice-chefia do mesmo Departamento, e em abril do mesmo ano, a professora Maria Elida Santos de Sousa foi eleita para representá-lo junto ao CCS.

Essa nova situação do ensino propiciou novas possibilidades à Enfermagem do HUOL, à medida que abriu espaço para a capacitação dos

²⁴ Guiomar Pereira Barreto, Maria Elida Santos de Sousa, Nadir Soares Vila Nova, Raimunda Medeiros Germano e Oscarina Saraiva Coelho, contratadas como professoras assistentes e, como auxiliares de ensino, as professoras Dayse Maria Gonçalves Leite e Maria das Graças de Araújo Braga, conforme Resolução nº 35/CONSUNI, de 03 de maio de 1974.

técnicos ali existentes, naturalmente subtendo-se à seleção do vestibular. Assim, depreende-se, pelo fato da cidade de Natal, até então, não dispor de graduação em Enfermagem na rede pública ou particular e pela dificuldade desses profissionais se afastarem para Estados vizinhos.

Vale ressaltar que a chefia de Enfermagem do HUOL, durante toda a década de 1970 e ainda inícios dos anos 1980, continuou a cargo de um professor, facilitando o intercâmbio Departamento/Hospital e contribuindo, sobremaneira, para o processo de capacitação do corpo de Enfermagem, em pleno curso naquela instituição.

No entanto, a crise do serviço público dessa fase, sem abertura de concurso, agravado por algumas aposentadorias, levou a Universidade a contratar os chamados professores colaboradores, que foram lotados em serviços diversos do Hospital, inclusive no de Enfermagem, na condição de enfermeiros.

Deve-se assinalar que a crise não se expressava apenas pela escassez de recursos humanos, mas, igualmente, atingiu a estrutura hospitalar no que diz respeito à disponibilização de leitos, diminuindo sensivelmente sua oferta. De acordo com o atual diretor, referindo-se a essa situação, assim se expressou:

A diminuição de leitos levava a conseqüências danosas em todos os sentidos, inclusive num hospital que tem como função ensinar. Então, com a diminuição de leitos você não podia ensinar. Não tinha pacientes suficientes para que as pessoas pudessem ter esse aprendizado com continuidade. Isso em todas as áreas (médico/professor/diretor).

Sobre este mesmo contexto, a atual diretora de Enfermagem, enfermeira do Hospital desde o ano de 1979, em entrevista concedida para esta pesquisa, assim se pronunciou: ***quando eu cheguei aqui nesse hospital, eram duzentos e quarenta leitos, depois foi diminuindo, diminuindo ...*** [chegando] ***a setenta e poucos leitos.***

Ainda no que concerne aos professores colaboradores, apesar das dificuldades, conforme depoimentos concedidos para esta pesquisa, este grupo impulsionou alguns serviços e no dizer de uma entrevistada, antiga colaboradora,

o Hospital deu um salto de qualidade. Foram criados (...) serviço de hemodiálise, reorganização da Unidade de Terapia Intensiva (UTI), Centro Cirúrgico e Neurologia [e os profissionais] tiveram oportunidade de fazer uma especialização na área (enfermeira/professora).

Referindo-se a Neurologia, a mesma entrevistada acrescentou: ***era o setor modelo do Hospital. É tanto que entre os funcionários eles diziam: você trabalha num hospital e eu em outro*** [referindo-se aos demais setores].

Um outro aspecto relevante abordado por outro docente entrevistado, antigo colaborador, vem reafirmar a aproximação do Hospital/Departamento. Segundo ele,

o corpo de Enfermagem daquela época era considerado insuficiente para atender à demanda. Então esse grupo de professores [contribuía] para o funcionamento do Hospital e tínhamos atividades vinculadas [também] a algumas disciplinas do Departamento de Enfermagem. Nós

tínhamos uma aproximação maior com o ensino do que os outros enfermeiros (...) se percebia isso nitidamente.

Nesse contexto de reorganização dos serviços do Hospital Universitário, com vistas à melhoria do ensino dos diversos cursos da área de saúde, que desenvolviam e continuam desenvolvendo suas práticas naquela Instituição, os Departamentos também passavam por um processo de reestruturação. Esse projeto consistia na capacitação do quadro de professores, formando mestres e doutores para o exercício da docência. Assim sendo, a contratação dos professores colaboradores facilitou o andamento desse projeto, qual seja, o afastamento de alguns docentes para os cursos de pós-graduação.

Posteriormente, no governo Fernando Collor de Melo, início dos anos 1990, todos os funcionários públicos, que se encontravam em desvio de função, foram convocados a retornar para seu local de origem e a ocupar os cargos para os quais foram designados. No caso da Enfermagem, os professores colaboradores que se encontravam prestando serviços em outras instituições da Universidade, inclusive no Hospital, passaram a integrar o quadro do Departamento de Enfermagem, mediante concurso.

Este concurso consistia ***em apresentar uma monografia a uma banca. Se você fosse aprovado, tinha que ir dar aulas***, afirmou uma enfermeira/professora entrevistada e complementa: ***diretamente a gente não dava aulas, a gente recebia os alunos lá*** [no Hospital].

Vale ressaltar que na condição de professor colaborador, ainda que pertencente ao quadro de Enfermagem do Hospital, dois desses docentes

assumiram a chefia de Enfermagem, mantendo, de certo modo, a integração ensino/serviço.

Com a saída dos colaboradores, no ano de 1985, os enfermeiros do hospital passaram a exercer a chefia da Divisão de Enfermagem através de eleição entre os pares. A esse respeito, pronunciou-se uma docente com experiência na chefia de Enfermagem daquela Instituição:

Quando só enfermeiro entrou para a chefia da divisão²⁵ de Enfermagem aí você sentiu uma queda em certos momentos. Quando eram os professores, a gente sentia uma aproximação maior entre a formação, o ensino e o Hospital (...) Porque enquanto a gente estava como professor, a gente mantinha o elo como Departamento, com os alunos e com a Coordenação do curso (enfermeira/professora).

Reportando-se aos estágios, a referida entrevistada acrescentou que: ***os colegas enfermeiros não queriam mais alunos (...) isso era o trabalho do professor (...) e não entendiam que a política de estágio, em qualquer curso, é essa.***

Essa nova situação, como se pode observar, representou uma quebra nas relações entre o ensino e o Hospital. Em algumas ocasiões aconteceu de os alunos não optarem por esta Instituição como campo de estágio, diferentemente de outrora, quando um professor respondia pela chefia de Enfermagem do Hospital.

Segundo a referida enfermeira/professora, eram

²⁵ Assumiram a chefia da Divisão de Enfermagem as seguintes enfermeiras: Francisca Lídia Oliveira da Silva (1989-1991), Kátia Linhares Rebouças Soares (1991-1993), Maria Cléia de Oliveira Viana (1993-1995), Lucila Corsino de Paiva (1995-1997) e Maria Cléia de Oliveira Viana (no cargo desde de 1997).

colocados, no quadro, todos os campos de estágio (...) hospitais públicos, privados e rede básica (...) o HUOL não era a opção dos alunos. Nenhum aluno queria ir para lá (...) Tinha aluno que passou o curso inteirinho, concluiu e nunca tinha entrado no HUOL.

Analisando esse quadro de dificuldades, de ordem didática/administrativa, decorrente das relações entre o departamento e o Hospital, é preciso reconhecer que esses obstáculos, se, por um lado, representaram um retrocesso do ponto de vista acadêmico, por outro, possibilitaram um amadurecimento do corpo de Enfermagem do Hospital.

Olhando a história recente, vê-se que a Enfermagem do HUOL cresceu nessa transição, apesar de todos os percalços enfrentados na conquista de sua autonomia.

Depreende-se do teor das entrevistas com docentes, de ontem e de hoje, que essa fase foi superada e atribuem não somente à chefia de Enfermagem do HUOL, mas, igualmente, à renovação do quadro de Enfermagem com a realização de novos concursos.

Entende-se que esse novo contexto guarda também relação com o próprio processo de redemocratização do país (anos 1980-90), abrindo espaços às reivindicações e lutas dos servidores públicos.

Sobre a renovação do quadro de funcionários, assim se pronunciou a diretora de Enfermagem do Hospital:

Como eram poucos enfermeiros, eles não tinham tempo e oportunidade de ficarem mais atuantes, mais presentes no setor (...) hoje, todos os setores do Hospital tem enfermeiro (...) antes dos novos enfermeiros do concurso entrarem, nós não tínhamos enfermeiros fixos na UTI, nem à tarde, nem à noite [exemplifica].

Torna-se importante citar que, além disso, observa-se atualmente uma preocupação na Enfermagem, quanto a uma melhor qualificação, haja vista sua participação em programas de pós-graduação e em outros eventos da Enfermagem.

Essa nova postura se deve também, segundo a diretora de Enfermagem, à

vinda da capacitação pedagógica do PROFAE²⁶ (...) Nós tínhamos enfermeiros aqui há muitos anos sem estudar (...) Essa capacitação pedagógica veio muito melhorar a relação ensino/aprendizagem dentro do Hospital e isso tem que ser muito forte porque é um hospital de ensino (...) Ele tem essa responsabilidade muito grande.

Dessa nova realidade emergem novas relações entre o Hospital/Departamento de Enfermagem, fazendo crer com maior amadurecimento, e possibilitando o desenvolvimento de trabalhos em um sistema, de fato, de parcerias. Atualmente está sendo ministrado um Curso de Iniciação Científica para enfermeiros e há projeto de capacitação para os supervisores de estágios, em fase de elaboração.

Assim sendo, são emblemáticas as revelações a seguir:

Houve uma melhor reintegração do Departamento de Enfermagem aqui no Hospital porque as condições melhoraram em todos os aspectos (médico/professor/diretor).

Agora mesmo nesse final de semestre [2004.2] teve elogios imensos para os enfermeiros, para a colaboração, para o processo de trabalho deles lá no Hospital (...) eles [os alunos] se sentiam em casa, aceitos, sendo bem supervisionados e avaliados (...). [E complementa] eu acho

²⁶ Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE).

que isso é fundamental para a transformação deles [dos alunos] (enfermeira/professora).

Referindo-se à atual situação do corpo de Enfermagem do HUOL, dados referentes a fevereiro de 2005, fornecidos pela respectiva direção, assim se apresentam: setenta e quatro enfermeiros, cento e vinte e seis técnicos, e setenta e dois auxiliares de Enfermagem. Complementando estes dados, a referida direção informa a existência de cento e sete bolsistas do ensino profissional, mantidos através do convênio entre a UFRN e o Instituto Euvaldo Lodi (IEL).

Ainda sobre as informações fornecidas pela diretoria de Enfermagem, no que toca à situação dos enfermeiros e quanto à realização de cursos de pós-graduação, observa-se o seguinte quadro: cinco mestres, vinte especialistas e oito com Residência de Enfermagem, totalizando trinta e quatro profissionais pós-graduados. Essa realidade, em números percentuais corresponde a, aproximadamente, quarenta e seis por cento dos enfermeiros do HUOL.

Para melhor visualização, os quadros a seguir sintetizam estes quantitativos.

Corpo de Enfermagem do HUOL.

CATEGORIA	QUANTITATIVO
Enfermeiro	74
Técnico	126
Auxiliar	72
Bolsista	107
TOTAL	379

Fonte: Diretoria de Enfermagem, fevereiro 2005.

Enfermeiros x Pós-Graduação.

CURSOS	QUANTITATIVO
Mestrado	05
Especialização	20
Residência	08
TOTAL	33

Fonte: Diretoria de Enfermagem, fevereiro 2005.

Analisando esses dados referentes à realização de curso por parte dos enfermeiros, uma informação importante a ser registrada é o fato de quinze deles terem cursado mais de uma modalidade de Pós-Graduação.

Sobre Pós-graduação, vale ressaltar que o Departamento de Enfermagem, no ano de 1982, iniciou seu primeiro curso de especialização, sob a coordenação da professora Léa Tavares de Melo Arce Águila, seguindo outros nas áreas de Enfermagem Médico-cirúrgica, Saúde Pública, Enfermagem Materno-Infantil, Maternidade Segura, em períodos diferenciados.

No início dos anos 1990, foi realizada uma avaliação destes cursos por docentes do Departamento de Enfermagem, resultando na proposta de criação de um curso de mestrado. A essa altura, o referido Departamento contava com dois grupos de pesquisa contribuindo para a efetividade dessa idéia. Assim, criou-se um grupo de estudos sob a coordenação da professora Dr^a Bertha Cruz Enders para estruturar a Pós-Graduação *stricto sensu* (mestrado), tendo sido aprovado em 28 de dezembro de 1995 conforme Resolução nº 17/CONSUNI.

Portanto, a partir de 1996, começa a primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRN, modalidade Mestrado, sob a coordenação da professora Dr^a Bertha Cruz Enders. O curso teve início em agosto do mesmo ano, tendo sido aprovados, no exame de seleção, treze

enfermeiros. Outros grupos se sucederam e, hoje (2005), o referido Programa conta com cinco turmas, perfazendo um total de quarenta mestres e vinte e nove mestrandos. Dada a carência de doutores, a seleção, inicialmente, ocorria a cada dois anos. A partir de 2003, vem acontecendo regularmente a cada ano.

Importa, sobretudo, ressaltar neste contexto que, dos cinco mestres que integram o quadro de Enfermagem do HUOL, quatro deles foram formados pelo Programa de Pós-Graduação de Enfermagem da UFRN, dando conta, portanto, da estreita relação entre o ensino de Enfermagem da UFRN e o Hospital. Deve-se ainda registrar que dois enfermeiros da referida instituição encontram-se, no momento, concluindo o mestrado. Além destes, outros demonstram interesse em cursá-lo, visto estarem matriculados em algumas disciplinas como alunos especiais.

Em contrapartida, mestres e enfermeiros do HUOL têm contribuído, efetivamente, com o ensino profissional e de graduação na condição de professores substitutos²⁷ e do quadro efetivo.

Portanto, de tudo que foi possível registrar deste percurso, depreende-se que as relações ensino/hospital sempre se mantiveram bem próximas. Em alguns momentos, até fisicamente, quando do funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem, no interior do Hospital “Miguel Couto”, local onde se fomentou os primeiros passos para uma Enfermagem profissional. Mas nem sempre se processou de forma linear. Houve momentos de doação, tensão, rupturas e reaproximação, como se registra nas falas de alguns entrevistados. Assim, percebe-se na Enfermagem do HUOL uma trajetória de idas e vindas, de superações e resgates, porém com um propósito

²⁷ Professor aprovado em concurso para contrato provisório de dois anos.

bem definido, o de conquistar outros horizontes, abrindo espaços para novos empreendimentos no aprimoramento da profissão e de seus profissionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo, torna-se importante reafirmar que sua finalidade consistiu em registrar a história da Enfermagem do Hospital Universitário “Onofre Lopes” (HUOL), tomando como principal referência o ensino de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

As informações contidas nesta pesquisa foram obtidas por meio de consultas a arquivos, relatórios, atas, livros, produções acadêmicas, fotos, leis, entre outros recursos, e, também, através da realização de entrevistas com quem viveu essa história, possibilitando, assim, a partir da reconstrução dos fatos, a construção e o registro dessa trajetória histórica.

Para sua realização, fez-se necessário vencer alguns desafios, um dos quais referente à precariedade dos serviços de arquivo das instituições, de modo geral, e da própria Universidade, em particular. Esta situação se traduz na ausência de catalogação, acondicionamento, conservação, e ao hábito do não arquivamento de documentos e, porque não afirmar, a falta mesmo de registro de ocorrências relevantes. Outro fator dificultante diz respeito aos poucos estudos realizados sobre a Enfermagem do Estado do Rio Grande do Norte e ainda a recusa em conceder entrevista por parte de alguém que viveu esta história.

Sobre o estudo propriamente dito, torna-se importante destacar que nos primórdios do Hospital, primeiras décadas do século XX, a assistência de Enfermagem se encontrava sob a responsabilidade das religiosas Filhas de

Sant' Ana e se pautava em conhecimentos empíricos. A respeito dessa fase pré-profissional ou empírica, Santos Filho (1977), em seus estudos sobre a Enfermagem no Brasil, afirma que a prática foi a escola.

Analisando a Enfermagem do Hospital Universitário "Onofre Lopes" (HUOL) dessa fase, convém ressaltar que seus exercentes, na maioria, eram pessoas de baixa ou nenhuma escolaridade e que o ingresso na profissão se dava, primeiramente, mediante convite por parte das religiosas, para, posteriormente, submetê-las a um treinamento. Para que isso ocorresse, algumas características, como delicadeza, disponibilidade, obediência, entre outras, eram previamente observadas. Nesse período, o serviço de Enfermagem tinha um cunho eminentemente caritativo e pautava-se, sobretudo, no sentimento de religiosidade.

Esse perfil começou a ser alterado com a autorização e funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, em 1955 e 1956, respectivamente. Sobre esta escola é importante registrar que a intenção em criá-la já existia desde o ano de 1934, conforme registram os documentos consultados.

A respeito dessa Escola, seu funcionamento representa um marco na Enfermagem do Rio Grande do Norte, pelo pioneirismo, cuja função era o preparo profissional para os serviços diversos da saúde. E, de modo bem particular, para o ensino da medicina, como afirmou um dos entrevistados: ***sua criação foi importantíssima, importantíssima.***

Ainda sobre a Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, faz-se mister registrar que inicialmente funcionava nas dependências do Hospital "Miguel Couto" e que este também fora utilizado para a realização de suas

aulas práticas. Acerca deste fato, torna-se relevante afirmar que isto constitui a primeira experiência desse Hospital com o ensino. Hoje, no entanto, pode ser considerado como a principal referência para os cursos do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Portanto, a inserção da Escola de Auxiliares no Hospital foi transformando lenta e gradativamente o quadro da Enfermagem dessa instituição, à medida que absorvia os profissionais por ela formados. Outro fato, igualmente importante para essa transformação, deve-se à profissionalização dos atendentes ali existentes, embora de forma incipiente, por duas razões já explicitadas na pesquisa: a baixa escolaridade desses atendentes e o rigor na seleção realizada para ingressar na Escola.

Essa qualificação tornou-se mais incisiva quando, após a federalização da Universidade do Rio Grande do Norte, em 1960, a diretora da Escola passou a exercer, também, a direção de Enfermagem do Hospital. Essa dupla função e, também, dupla responsabilidade convergiram e favoreceram a intensificação da capacitação dos atendentes em auxiliares e, a partir de 1971, por força da Lei nº 5.692/71 (LDB) para técnicos em Enfermagem. Ao final dessa década, um projeto resultante da parceria Hospital/Escola possibilitou a formação consecutiva de três turmas do curso de auxiliar de Enfermagem, no próprio Hospital, em caráter intensivo, profissionalizando grande parcela daqueles que ainda se encontravam na condição de atendente, seja daquela instituição, seja de outras instituições congêneres. Outra evidência dessa cumplicidade entre Escola/Hospital diz respeito à complementação dos estudos do auxiliar de Enfermagem para o técnico. A primeira turma se constituiu basicamente de funcionários do Hospital.

Essa boa relação entre o ensino e o Hospital prossegue com a criação do Curso de Graduação em Enfermagem, no ano de 1973. A partir de então, o Hospital passa a ser utilizado para as aulas práticas do ensino superior de Enfermagem, constituindo-se, assim, do mesmo modo, para os demais cursos do CCS da UFRN, em uma referência.

Com o ensino de graduação em Enfermagem, criou-se o Departamento de Enfermagem, que passou a responder pelo ensino superior e também de nível médio, hoje ensino profissional, nascendo, assim, um novo tempo para o Hospital. Isso significou a composição, mais uma vez, de um outro cenário no quadro de Enfermagem do Hospital, à medida que novos enfermeiros foram admitidos, integrando-se àquela instituição, representando, por conseguinte, melhorias na assistência. Em contrapartida, também se pode afirmar que o ensino se beneficiou com este quadro, considerando-se a contribuição destes profissionais como supervisores de estágios e mesmo no exercício da função docente, quando convidados para ministrarem temas específicos em algumas disciplinas da graduação.

Anos depois, por volta de 1979, como forma de minimizar a carência de docentes na UFRN, foram realizados concursos para a contratação de professores colaboradores. No caso de Enfermagem, especificamente, estes docentes encontravam-se exercendo suas atividades como enfermeiros dos hospitais da Universidade, mas também colaboravam com o ensino, seja acompanhando alunos nos campos de estágios, seja ministrando aulas no Departamento, além de assumirem, em algumas oportunidades, a direção de Enfermagem do Hospital.

Deve-se registrar ainda que, o início dos cursos de especialização no Departamento de Enfermagem da UFRN, em 1982, novamente veio despertar o interesse da equipe de Enfermagem do Hospital e muitos foram os enfermeiros que cursaram algumas das modalidades oferecidas. Com a criação do Programa de Pós-Graduação, *stricto sensu* (mestrado), no ano de 1996, mais uma vez a situação se repete, ou seja, dos cinco enfermeiros mestres atualmente existentes no Hospital, quatro deles foram formados por esse Programa e, outros dois, encontram-se em processo de conclusão.

Atualmente, o funcionamento do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem _ especialização e mestrado _ abriram novas possibilidades à Enfermagem como um todo. Quanto aos enfermeiros do Hospital, sabe-se que para eles estes cursos têm se constituído em um atrativo, haja vista a procura pelos mesmos. Alguns deles já realizaram cursos. Para outros, é perceptível a intenção de fazê-los, visto a crescente busca e a demonstração de seus interesses, considerando que uns se encontram matriculados em disciplinas como alunos especiais.

Em termos práticos, esta nova situação representa não somente possibilidades de qualificação da Enfermagem do Hospital, mas também a busca pela sintonia com as exigências do desenvolvimento técnico-científico, em relação ao ensino e à pesquisa. Essa inquietude, porque não dizer dinamicidade, favorece uma melhor composição do quadro de enfermeiros, cuja qualificação estimula novos empreendimentos no ensino, na pesquisa e na assistência. Isto é perceptível, por exemplo, na integração de alguns enfermeiros do Hospital com o corpo docente do Departamento de Enfermagem, como professor substituto e mesmo na condição de professor

concurado para o quadro efetivo de docentes da Escola de Enfermagem de Natal.

Portanto, conforme se pode depreender do estudo, ora concluído, a Enfermagem do HUOL manteve e continua mantendo uma estreita relação com o ensino de Enfermagem da UFRN, em um contínuo exercício de parcerias, no qual ambos têm se beneficiado e contribuindo para a construção de uma nova Enfermagem. Todavia, os que viveram e/ou contam essa história revelam uma caminhada com altos e baixos, com conflitos e aflições, mas também com grandeza e solidariedade.

Do exposto, conclui-se ainda que a mesma Enfermagem vem se modificando ao longo dos anos, encontrando-se, na atualidade, em situação diametralmente oposta àquela do início do século XX, de base eminentemente empírica. O quadro atual compõe-se de um grupo de enfermeiros de comprovada qualificação profissional com potencial para consolidar um centro de referência para um possível programa de residências, contribuindo, portanto, para o crescimento do ensino, da pesquisa e da extensão, no âmbito da profissão.

6 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Iaperi S. de. **Januário Cicco**: um homem além do seu tempo. Natal: Ed. Universitária, 1983.

Biografia de Ana Néri – A Matriarca da enfermagem no Brasil. Disponível em: <http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_SP/Barra_Escolha/B_AnaNeri.htm>. Acesso em: 29 fev.2005.

Biografia de Carlos Chagas – O Homem. Disponível em: <<http://www.vertentes.com.br/chagas/esq.htm>>. Acesso em: 27 fev.2005.

CASCUDO, Luís da C. **História da cidade do Natal**. 3 ed. Natal: RN Econômico, 1999.

_____. **História do Rio Grande do Norte**. 2 ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREITAS, Lucimar Gomes. Histórico da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal. **REBEn**, Rio de Janeiro, n. 06, p.519-525, dez. 1962.

GERMANO, Raimunda M. **Educação e ideologia da enfermagem no Brasil**. 3ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **A Ética e o ensino da ética na enfermagem do Brasil**. São Paulo: Cortez, 1993.

LIMA, Pedro, **Saneamento e modernização em Natal: Januário Cicco 1920**. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

LÜDKE, Menga; AMDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUNARDI FILHO, W. D. L. Prazer e sofrimento no trabalho: contribuições à organização do processo de trabalho da enfermagem. Brasília: **REBEN**, 1997.

LYRA, Carlos (Coord.). **A memória viva de Onofre Lopes**. Natal: Ed.Universitária, 1984.

MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo. **História do Rio Grande do Norte: império e república**. Natal: Gráfica Santa Maria, 1999.

MEDEIROS, Luzia Cecília. **O Ensino de enfermagem e a prática do enfermeiro**: estudo realizado com os egressos de Curso de Graduação em Enfermagem na Universidade Regional do Rio Grande do Norte. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UFRN. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Educação. Natal, 1994.

MELO, Veríssimo de. **Sínteses cronológicas da UFRN, 1968-1988**. Natal: Ed. Universitária, 1991.

MENESES, Rejane Millions V. **Formação da Enfermagem no Estado Potiguar**: da criação à consolidação. 173 f. Tese (Doutoramento em Saúde Coletiva). UERJ. Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1994.

PAIXÃO, Waleska. **História da Enfermagem**. Rio de Janeiro. Bruno Buccini, 1979.

PINHEIRO, Themis X de A. **Meandros e dilemas de uma reforma em Saúde**: a prática dos primórdios. 193 f. Tese (Doutoramento em Saúde Coletiva). UERJ. Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro, 2003.

RICHARDSON, Robert J. *et al.* **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSEN, George. **Da política médica à medicina social**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. **História geral da medicina brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1977.

SARINHO, Clovis Travassos. **Hospitais do Rio Grande do Norte**: notas, apontamentos, história. Natal: Nordeste Gráfica, 1988.

SILVA, Graciette Borges. **Enfermagem profissional**: análise crítica. São Paulo: Cortez, 1986.

TEODÓSIO, Sheila Saint-Clair da S. **Divisão do trabalho e a cientificidade do saber sistematizado na Enfermagem**: um caminho para o seu entendimento. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UFRN. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Natal, 1990.

TIMÓTEO, Rosalba P. de S. **O Ensino da enfermagem moderna no Rio Grande do Norte**. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UFRN. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Natal, 1997.

TRINDADE, Sérgio Luiz B.; ALBUQUERQUE, Geraldo José de. **Subsídios para o estudo da História do Rio Grande do Norte**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

DOCUMENTOS

BRASIL. Decreto nº 15.799 de 10 de novembro de 1922. Autoriza a fundação da escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública.

_____. Decreto nº 20.109 de 31 de março de 1926. Autoriza alteração do nome da Escola de Enfermagem do DNSP para Escola de Enfermagem D. Ana Néri.

_____. Decreto nº 37.931 de 22 de setembro de 1955. Autoriza o funcionamento da Faculdade de Medicina de Natal.

_____. Decreto nº 45.116 de 26 de dezembro de 1958. Confere a condição de Estadual à Universidade do Rio Grande do Norte.

_____. Decreto nº 49.120-A de 17 de novembro de 1960. Reconhecimento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal. Brasília, 1960.

BRASIL Decreto nº 74.211/74. Plano de reestruturação das Universidades Brasileiras. Brasília, 1974.

_____. Lei nº 775 de 06 de agosto de 1949. Dispõe sobre o ensino de Enfermagem no país. Rio de Janeiro, 1949.

_____. Lei nº 3.849 de 18 de dezembro de 1960. Federaliza a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.

_____. Lei nº 5.540/68. Reforma Universitária. Brasília, 1968.

_____. Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971. Regulamenta os Ensinos de 1º e 2º Graus. Brasília, 1971.

_____. Lei nº 9.394/96. Lei de Diretrizes e Bases. Brasília, 1996.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Serviço de estatística da educação e cultura**. Rio de Janeiro, 1945.

_____. Ministério da Saúde. Portaria nº 381, de 07 de dezembro de 1955. Autoriza o funcionamento do Curso de Auxiliares de Enfermagem da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal. **Diário Oficial do Distrito Federal**. Rio de Janeiro, 13 dez. 1955.

_____. Parecer nº 163/72. Estabelece o currículo mínimo dos Cursos de Enfermagem. Brasília, 1972.

_____. Portaria nº 381 de 07 de dezembro de 1955. Autoriza o funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal. Rio de Janeiro, 1955.

_____. Resolução nº 196. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos**. Brasília, 1997.

CICCO, Januário (carta) 1952, set. 06. Natal (Brasil) para João Café Filho (manuscrito).

_____. (carta) 1952, set. 08. Natal (Brasil) para Getúlio Dornelles Vargas (manuscrito).

HOSPITAL DE CARIDADE “JOVINO BARRETO”. Directoria Geral de Estatística. **Movimento Hospitalar**. Natal, 1909.

_____. **Movimento Hospitalar**. Natal: 1919.

IBGE. Recenseamento Geral do Brasil/1950. Série Regional. Parte VII – RN. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1950.

RIO GRANDE DO NORTE. Decreto nº 205. Reorganiza o serviço de saúde e autoriza a adaptação de uma residência no Monte Petrópolis. Natal, 1909.

_____. Decreto nº 688. Termo do 1º aditivo do contrato celebrado em 30.06.1927 entre o Governo do Estado e a SAH. Natal, 1934.

_____. Lei nº 363. Criação do Serviço de Pronto Socorro a cargo da SAH. Natal, 1945.

_____. Lei nº 693. Doação do Hospital, Maternidade Januário Cicco, anexos e terrenos a SAH. Natal, 1952.

RIO GRANDE DO NORTE. Lei nº 2.307. Criação da Universidade do Rio Grande do Norte. Natal, 1958.

_____. Termo de contrato celebrado entre o Governo do Estado e a SAH para encarregar-se da direção e administração do Hospital de Caridade “Jovino Barreto”. Natal, 1927.

_____. Termo do 2º aditivo ao contrato celebrado entre o Governo do estado e a SAH. Natal, 1945.

SOCIEDADE DE ASSITÊNCIA HOSPITALAR. **Livro Diário**. Natal, 1927.

_____. **Relação de Pessoal**. Natal, 1935.

_____. **Novo Regulamento do Hospital “Miguel Couto”**. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1943.

_____. **Regulamento do Serviço de Pronto Socorro.** Natal, 1945.

SOCIEDADE DE ASSISTÊNCIA HOSPITALAR. Ata da 8ª sessão plenária para eleição do novo presidente e para criação de novos cargos na diretoria. Natal, 1952.

_____. **Relação de Pessoal.** Natal, 1952.

_____. **Ofício expedido por Januário Cicco ao Diretor Geral do Departamento de Saúde Pública.** Natal, 1952.

_____. **Convênio celebrado entre a Divisão de Organização Hospitalar (DOH), a Campanha Nacional Contra a Tuberculose (CNCT) para financiamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal.** Natal, 1955.

_____. **Relatório apresentado pelo Dr. Onofre Lopes a diretoria referente ao exercício de 1957.** Natal, 1957.

_____. **Ofício encaminhado por Dr Onofre Lopes ao Prefeito de Cerro Corá.** Natal, 1958.

_____. **Relatório apresentado pelo Dr. Onofre Lopes a diretoria referente ao exercício de 1958.** Natal, 1958.

_____. **Relatório apresentado pelo Dr. Onofre Lopes a diretoria referente ao exercício de 1959.** Natal, 1959.

_____. **Ata da 30ª sessão plenária para eleger nova diretoria e aprovação da transferência do patrimônio para o Governo Federal.** Natal, 1960.

TRIBUNA DO NORTE. Curso da Escola de Enfermagem de Natal. Natal 22 out. 1960.

_____. **Escola de Enfermagem.** Natal 21 maio 1961.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Resolução nº 02 CONSUNI de 09 de janeiro de 1964. Aprova a incorporação da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal à Universidade.

_____. Resolução nº 53 CONSUNI de 13 de agosto de 1973. Aprova a criação do Curso de Enfermagem.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Resolução nº 78 CONSUNI de 04 de outubro de 1973. Aprova a criação do Departamento de Enfermagem.

_____. Resolução nº 35 CONSUNI de 03 de maio de 1974. Aprova contratação de professores assistentes e auxiliares para o Curso de Enfermagem.

_____. Resolução nº 154 CONSEP de 22 de dezembro de 1977. Aprova criação do Programa de Residência Médica no HUOL.

_____. Resolução nº 68 CONSUNI de 01 de novembro de 1984. Aprova alteração do nome do Hospital das Clínicas para Hospital Universitário "Onofre Lopes".

_____. Resolução nº 17 CONSUNI de 28 de dezembro de 1995. Aprova a criação do Mestrado em Enfermagem.

_____. Resolução nº 57 CONSAD de 04 de setembro de 1997. Aprova reestruturação da Escola de Auxiliares de Enfermagem do Departamento de Enfermagem.

_____. Resolução nº 64 CONSAD de 16 de setembro de 1999. Aprova alteração do nome da Escola de Auxiliar de Enfermagem para Escola de Enfermagem de Natal.

_____. Resolução nº 04 CONSUNI de 28 de abril de 2000. Cria Complexo Hospital e de Saúde (CHS).

_____. Resolução nº 15 CONSUNI de 13 de dezembro de 2002. Aprova nova denominação, Complexo de Atenção à Saúde para Complexo Hospitalar e de Saúde.

_____. Resolução nº 04 CONSEPE de 04 de fevereiro de 2003. Aprova Regimento Geral dos Programas de Residência Médica oferecidos pela UFRN.

ANEXOS

Anexo A



*Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Comitê de Ética em Pesquisa*

Parecer Projeto de Pesquisa No 81/2004

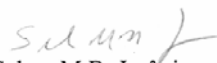
REGISTRO NO CEP-UFRN	81-04
TÍTULO	PASSADO E PRESENTE: TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA ENFERMAGEM DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ONOFRE LOPES – HUOL.
INSTITUIÇÃO	UFRN- DEPTº DE ENFERMAGEM
CLASSIFICAÇÃO	GRUPO III
PESQUISADORA	DJAILSON JOSÉ DELGADO CARLOS

PARECER

Considerando que as recomendações emitidas em parecer anterior foram, adequadamente, atendidas, e estando o protocolo de acordo com os itens propostos pela Resolução 196/96–CNS, o CEP–UFRN manifesta-se pela aprovação do protocolo registro CEP-UFRN 81-04.

Lembramos que qualquer modificação referente a aspectos metodológicos deverá ser encaminhada ao CEP/UFRN para avaliação. O pesquisador deverá encaminhar relatório semestral, e relatório final, após sua conclusão.

Natal, 25 de novembro de 2004.


Selma M.B. Jerônimo
Coordenadora
CEP-UFRN

Anexo B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE (CCS)
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM - MESTRADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Prezado (a) participante:

Sou enfermeiro, regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – Mestrado e estou realizando a Pesquisa intitulada Passado e Presente: a história da Enfermagem do Hospital Universitário “Onofre Lopes” (HUOL), sob a supervisão da Profª Drª Raimunda Medeiros Germano. O objetivo é analisar a evolução histórica da Enfermagem do HUOL e sua relação com o ensino de Enfermagem da UFRN.

A partir do seu consentimento, sua participação será voluntária, podendo ser interrompida ou desistida a qualquer momento, com absoluta liberdade, e consistirá de depoimento oral (entrevista) gravado em fita magnética para posterior transcrição.

Na publicação dos resultados desta Pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo, bem como serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente o (a) Senhor (a) estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Assim sendo, agradeço sua participação e assumo o compromisso de lhe apresentar o trabalho concluído.

Natal/RN, de de 2005.

Djailson José Delgado Carlos
Pesquisador

Eu,, portador (a) da RG nº, consinto em participar desta Pesquisa e declaro ter recebido todas as orientações necessárias.

.....
Entrevistado (a)

RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.

Ana Ancilla Ferreira de Carvalho	Religiosa Filha de Sant'Ana
Ana Maria Salvina Mendes	Religiosa Filha de Sant'Ana
Angelita Melo da Conceição	Auxiliar de Enfermagem
Cleide Oliveira Gomes	Enfermeira/professora/diretora
Cleone Noronha	Médico/professor/diretor
Edilene Rodrigues da Silva	Enfermeira/professora/diretora
Euridece de Andrade Lima	Religiosa Filha de Sant'Ana
Francisco de Assis Pinheiro	Enfermeiro/professor
Jacinta Maria Morais Formiga	Enfermeira/professora
José Félix Ferreira	Técnico em Enfermagem
José Ricardo Lagreca de Sales Cabral	Médico/professor/diretor
Maria Cléia de Oliveira Viana	Enfermeira/diretora de Enfermagem
Maria de Lourdes Alves André	Ex-aluna/auxiliar de Enfermagem
Maria Elida Santos de Souza	Enfermeira/professora
Oscarina Saraiva Coelho	Enfermeira/professora/diretora

Anexo nº 02.

REQUERIMENTO DE AUTORIZAÇÃO PARA MATRÍCULA

(modelo)

Exmo. Dr. Diretor
Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal

Eu,, filha de e
....., brasileira, natural de, Estado do
....., nascida na cidade, em, com
o curso ginásial e normal vem respeitosamente requerer se digne V. S^a. de
autorizar inscrição para a matrícula no curso de Enfermagem.

Nestes termos.

Para deferimento

.....
Candidata

Anexo nº 03.

**SOCIEDADE DE ASSISTÊNCIA HOSPITALAR (SAH)
ESCOLA DE AUXILIARES DE ENFERMAGEM DE NATAL**

Natal, de de

Ilmo Sr.
Prefeito do Município de

A Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, mantida pela Sociedade de Assistência Hospitalar, prepara moças para a difícil e delicada missão de serviços de Enfermagem, de que tanto precisam o Rio Grande do Norte e o Nordeste.

No desejo de beneficiar também os Municípios do estado com a presença de técnicas capacitadoras, na sede de cada comunidade norterriograndense, a escola de auxiliares de Enfermagem instituiu a Bolsa de Estudo, dando, assim, oportunidade às Edilidades do interior de poderem colaborar na preparação de jovens conterrâneas que possam no futuro prestar serviços à população rural.

Deste modo, vimos, pelo presente, sugerir a V^a S^a a conveniência de custear uma dessas Bolsas de estudo, podendo, para isso, indicar o nome que desejar. Entretanto a Senhora, natural desse município que já se encontra estudando nessa escola, poderia, desde logo, ser beneficiada com o compromisso de terminando o curso, que é de dezoito meses, voltar a esse município para prestar os seus serviços.

Informamos a V^a S^a que a inscrição de qualquer candidata a uma Bolsa de Estudo corresponde a apenas a Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros), pagos no começo de cada mês.

Na certeza de que V^a S^a acolherá com a melhor satisfação a nossa sugestão, subscrevemo-nos, apresentando-lhe as nossas cordiais saudações.

Dr Onofre Lopes

